

LEANDRO RIBEIRO PALHARES

# FILOSOFIA ESPÍRITA



LEANDRO RIBEIRO PALHARES

# FILOSOFIA ESPÍRITA



2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

*Open access publication by Atena Editora*

**Editora chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira Scheffer

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora mantém um compromisso firme com a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, assegurando que os padrões éticos e acadêmicos sejam rigorosamente cumpridos. Adota políticas para prevenir e combater práticas como plágio, manipulação ou falsificação de dados e resultados, bem como quaisquer interferências indevidas de interesses financeiros ou institucionais.

Qualquer suspeita de má conduta científica é tratada com máxima seriedade e será investigada de acordo com os mais elevados padrões de rigor acadêmico, transparência e ética.

O conteúdo da obra e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade, são de responsabilidade exclusiva do autor, não representando necessariamente a posição oficial da Atena Editora. O download, compartilhamento, adaptação e reutilização desta obra são permitidos para quaisquer fins, desde que seja atribuída a devida autoria e referência à editora, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Os trabalhos nacionais foram submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial da editora, enquanto os internacionais passaram por avaliação de pareceristas externos. Todos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

# Filosofia Espírita

## | Autor

Leandro Ribeiro Palhares

## | Revisão:

Os autores

## | Diagramação:

Thamires Camili Gayde

## | Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P161 Palhares, Leandro Ribeiro  
Filosofia espírita / Leandro Ribeiro Palhares. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-3516-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.167252507>

1. Espiritismo. I. Palhares, Leandro Ribeiro. II.  
Título.

CDD 133.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

## Atena Editora

☎ +55 (42) 3323-5493

☎ +55 (42) 99955-2866

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

# CONSELHO EDITORIAL

## CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco  
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

# APRESENTAÇÃO

## APRESENTAÇÃO

O objetivo desta obra foi apontar as relações profundas e indeléveis entre o Espiritismo e a Filosofia. No primeiro capítulo, identifiquei alguns filósofos que, por inspiração e/ou intuição, legaram para a humanidade terráquea, diretamente ou indiretamente, máximas espíritas. Em concomitância, fiz uma brevíssima apresentação das obras básicas do Espiritismo, identificando nelas alguns pontos de contato com a Filosofia. No segundo capítulo, inicialmente, descrevi seis grandes áreas temáticas filosóficas que foram analisadas, refletidas e/ou problematizadas à luz da espiritualidade superior. Em seguida, apresentei uma análise pormenorizada das 1.019 questões de O Livro dos Espíritos, obra seminal do Espiritismo, que foram ranqueadas e problematizadas à luz das searas filosóficas. À guisa de conclusão, se faz necessário no campo filosófico entender, compreender, aceitar, acolher e integrar Jesus e Alan Kardec como filósofos e, além disso, inserir nas grandes áreas da Filosofia a seara da Filosofia Espírita.

*"[...] si astfel Filozoful nu e stăpânul Pietrei, ci slujitorul ei".*

(ROSARIUM PHILOSOPHORUM<sup>1</sup>, 2008, p. 141).

*"E assim o Filósofo não é o mestre da Pedra<sup>2</sup>, mas seu servo".*

(tradução do idioma romeno para a língua portuguesa).

---

<sup>1</sup> O *Rosarium Philosophorum* (*Rosarium philosophorum sive pretiosissimum donum Dei*) – em tradução para a Língua Portuguesa, O Rosário dos Filósofos – é um tratado alquímico datado do ano 1550 que, por meio de 20 xilogravuras, descreve as operações necessárias à transmutação (ou transfiguração) do ser humano terrestre no ser humano pleno, universal. Dito de outro modo, o Rosário dos Filósofos representa o processo simbólico em direção à iluminação: uma união sagrada cujo fruto é o *lapis philosophorum* (adaptado de [https://es.wikipedia.org/wiki/Rosarium\\_philosophorum](https://es.wikipedia.org/wiki/Rosarium_philosophorum)). Para a Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, o ciclo completo destas gravuras simboliza o Processo de Individuação em que o homem concretiza todo o seu potencial (adaptado do <https://www.espacoanalitico.pt/rosaacuterio-dos-filozofos.html>).

<sup>2</sup> A Pedra Filosofal (*lapis philosophorum*) era o símbolo central da terminologia mística da alquimia, simbolizando a perfeição no seu melhor, isto é, a iluminação e a felicidade celestial (adaptado do [https://es.wikipedia.org/wiki/Piedra\\_filosofal](https://es.wikipedia.org/wiki/Piedra_filosofal)). Carl Gustav Jung dizia que "A unidade da pedra corresponde à individuação, à unificação do homem. Diríamos que a pedra é uma projeção do si-mesmo unificado" (Jung, 2013a, p. 205).

# DEDICATÓRIA

## DEDICATÓRIA

A Deus.

A Espiritualidade Superior.

Ao Espiritismo.

A minha mãe.

A minha linhagem familiar.

A Karine.

Dedico esta obra.



# AGRADECIMENTOS

## AGRADECIMENTOS

A Deus:

"[...] a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" (KARDEC, 2021b, p. 73).

À Espiritualidade Superior:

Que sempre encaminha o melhor para cada um.

Ao Espiritismo, nas figuras de Allan Kardec, de Divaldo Pereira Franco e de Joanna de Ângelis:

A inspiração, a motivação e o exemplo que me foram encaminhados. Referências eternas.

À minha mãe, Maria José Ribeiro Palhares – a Zezé:

Quem mais me mostrou que estudar é o fundamento da vida!

À minha linhagem familiar materna – tia Lulude, tio Nielsen, tio Nélio e a minha avó, a matriarca, 'dona' Olívia:

Com vocês aprendi pelo exemplo que vale à pena estudar e seguir estudando. Sempre.

A Karine – esposa, amiga e parceira amada:

O que seria de mim sem este anjo guardião encarnado para me amparar, incentivar, suportar, compartilhar e orientar. Eu sou porque nós somos; ou melhor: nós somos. Amo-te!!

# HOMENAGEM

## HOMENAGEM



**Divaldo Pereira Franco**, encarnou no ano 1927 e desencarnou no ano 2025, da Era Cristã.

O ano 2020 ficou marcado pela presença de uma pandemia viral. Reclusão, incertezas, inseguranças... Adaptações no trabalho, adequações das atividades rotineiras e uma reconfiguração do tempo: o que fazer? O que buscar? Como viver uma 'outra nova vida'? A resposta veio por meio de um vídeo – que não procurei, sobreveio-me: nele, escuto uma voz, marcante e doce; visualizo a imagem de um homem, à figura de um avô – que tanto me entenece; assisto, hipnotizado, uma palestra doutrinária de uma riqueza de elementos científicos e filosóficos na divulgação da moral Cristã. Era ele, Divaldo Franco, entrando em minha vida para nunca mais sair. A partir daquele momento mudei meus hábitos, passei a nutrir-me do Evangelho de Jesus, da Doutrina Espiritista, da Psicologia Espírita, da Filosofia Espírita...

Nestes cinco anos Divaldo cravou sua marca indelével em mim: a certeza que nos é possível melhorar, progredir na senda do Bem, individuar, numinando-nos. A Luz de Jesus, por você refratada por todo o Planeta, me encontrou, enlevando-me. Agradeço a ti por tanto! Amo-te.



# SUMÁRIO

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>ESPIRITISMO E FILOSOFIA.....</b>	<b>3</b>
A Era da Codificação Espiritista (de 1857 a 1869) – a Terceira Revelação, o Consolador Prometido. ....	3
De 1857 (início da sistematização do Espiritismo, por Alan Kardec) à Era Cristã (Século primeiro). ....	15
Da Era Cristã (Século primeiro) aos pré-socráticos. ....	29
<b>FILOSOFIA E ESPIRITISMO .....</b>	<b>38</b>
Os grandes temas da Filosofia em todos os tempos.....	38
Tem-se uma Filosofia Espírita? .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>



# INTRODUÇÃO

Nada acontece por acaso. Há males que vêm para o bem. Não cai uma folha de uma árvore se Deus não permitir. As três frases anteriores são ditos populares que contêm uma lição, um conselho, um conceito moral, enfim, algum ensinamento. E tal ensinamento, não acadêmico, aconteceu comigo! Me farei entender. No ano 2020, por ocasião da pandemia da COVID-19 todos tivemos que ficar reclusos em nossas casas; situação que perdurou por cerca de um ano e meio. Naquele momento, por mais que as demandas profissionais permanecessem e as oportunidades do convívio matrimonial aumentassem – duas bênçãos, privilégios que poucos tiveram ‘olhos de ver e ouvidos de ouvir’ (Mt, 13, 13-17 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1197<sup>1</sup>) – a reclusão forçosa me abençoou com o que, talvez, temos de mais valioso: o tempo. E, por inspiração, creio ter feito um uso adequado do mesmo, pois iniciei um estudo sistematizado, sério e rigoroso do Espiritismo.

Estudar Jesus<sup>2</sup> como sendo ‘o Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14, 6 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1313) para a forja de nosso processo psíquico de individuação (Jung, 2013b, 2015; Ângelis, 2021b) abriu-me, aos 45 anos de idade, para um inédito interesse pessoal em questões pertinentes à Filosofia. A partir de então, também me enveredei pela seara filosófica buscando as primeiras conexões da Filosofia com o Espiritismo. O interesse e a motivação foram se intensificando até que emergiu em mim a necessidade de cursar uma segunda graduação – Filosofia, mesmo após 22 anos de conclusão de minha formação superior em Educação Física.

No ano 2022 iniciei tal empreitada e, desde então, a produção do presente texto, tendo como meta que ele seria o meu Trabalho de Conclusão de Curso, fora uma constante em meu processo formativo. E, não podendo ser diferente, os temas da Filosofia e do Espiritismo foram os que escolhi, dando perenidade aos meus

<sup>1</sup> A primeira citação de um versículo bíblico será: ‘Mt 13, 13-17 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1197’. Quando o mesmo versículo for novamente trazido como referência a citação constará apenas de ‘Mt 13, 13-17’.

<sup>2</sup> Jesus de Nazaré, encarnou entre os anos 7-2 antes da Era Comum e desencarnou entre os anos 30-33 depois da Era Comum (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus>). Para saber mais a respeito do Cristo de Deus, especialmente sobre sua missão perante à humanidade planetária, indico: Bíblia Sagrada (1990); e Kardec (2021a).

estudos iniciados no período pandêmico. Assim, o objetivo da pesquisa que originou este trabalho foi apontar as relações profundas e indeléveis entre o Espiritismo e a Filosofia a ponto de termos a real compreensão daquilo que o próprio Allan Kardec<sup>3</sup> – codificador do Espiritismo – designou por “[...] *Filosofia espiritualista*” (Kardec, 2021b, p. 18).

A presente produção está dividida em duas partes, para além desta Introdução e das Considerações Finais. No Capítulo I – Espiritismo e Filosofia – realizei uma revisão bibliográfica das manifestações do Espiritismo ao longo de 2.500 anos da história da filosofia ocidental: do século VI antes da encarnação de Jesus no Planeta Terra aos meados do século XIX. Já no Capítulo II – Filosofia e Espiritismo – procedi à identificação de alguns dos grandes temas filosóficos na obra seminal do Espiritismo: O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b).

---

<sup>3</sup> Hippolyte Léon Denizard Rivail, pseudônimo Allan Kardec, encarnou no ano 1804, desencarnando no ano 1869. Foi um eminente educador, pedagogo ligado às Ciências e à Filosofia, discípulo de Pestalozzi (Johann Heinrich Pestalozzi, encarnou no ano 1746 e desencarnou no ano 1827) – criador de um método pedagógico revolucionário para a Educação.



## C A P Í T U L O I

# ESPIRITISMO E FILOSOFIA

O objetivo deste capítulo foi identificar alguns filósofos que, por inspiração e/ou intuição, legaram para a humanidade terráquea, diretamente ou indiretamente, máximas espíritas. Assim, o propósito foi realizar uma revisão bibliográfica das manifestações do Espiritismo ao longo da história da Filosofia e, em sentido inverso, através da história da Filosofia demonstrar que a espiritualidade superior sempre se manifestou à humanidade.

### **A Era da Codificação Espiritista (de 1857 a 1869) – a Terceira Revelação, o Consolador Prometido.**

O período de 13 anos compreendido entre 1857 a 1869 foi aquele em que Allan Kardec codificou a Doutrina Espírita. E como o próprio codificador relatou (Kardec, 2021b, nos Prolegômenos), ele foi inspirado pela espiritualidade superior, quer dizer, Espíritos de uma maior elevação moral e, conseqüentemente, maior desprendimento da matéria de nosso planeta. E alguns desses Espíritos de escol, quando de sua última encarnação, foram eminentes filósofos, tais como Sócrates<sup>1</sup>, Platão<sup>2</sup>, Santo Agostinho<sup>3</sup>, Pascal<sup>4</sup>, Fénelon<sup>5</sup>, Santo Afonso<sup>6</sup>, Jean Jacques Rousseau<sup>7</sup>, Lamennais<sup>8</sup> e Jean Reynaud<sup>9</sup>. Isso significa que filósofos de diferentes períodos da Filosofia Ocidental contribuíram para a codificação espiritista, como podemos observar no Quadro 1, abaixo:

<sup>1</sup> Sócrates, encarnou no ano 470 e desencarnou no ano 399 antes da encarnação de Jesus Cristo.

<sup>2</sup> Platão, encarnou no ano 428/427 e desencarnou no ano 348/347 antes da encarnação de Jesus Cristo.

<sup>3</sup> Aurélio Agostinho de Hipona, encarnou no ano 354 e desencarnou no ano 430 da Era Cristã.

<sup>4</sup> Blaise Pascal, encarnou no ano 1623 e desencarnou no ano 1662 da Era Cristã.

<sup>5</sup> François Fénelon, encarnou no ano 1651 e desencarnou no ano 1715 da Era Cristã.

<sup>6</sup> Afonso Maria de Ligório, encarnou no ano 1696 e desencarnou no ano 1787 da Era Cristã.

<sup>7</sup> Jean Jacques Rousseau, encarnou no ano 1712 e desencarnou no ano 1778 da Era Cristã.

<sup>8</sup> Félicité Robert de Lamennais, encarnou no ano 1782 e desencarnou no ano 1854 da Era Cristã.

<sup>9</sup> Jean Ernest Reynaud, encarnou no ano 1806 e desencarnou no ano 1863 da Era Cristã.

Quadro 1 – Relação entre alguns períodos temporais e filosóficos da história humana.

TEMPORALIDADE TERRESTRE (em séculos)	CRONOLOGIA FILOSÓFICA
V e IV (antes da encarnação de Cristo)	Período Clássico
IV e V (da Era Cristã)	Período Medieval
XVIII (da Era Cristã)	Período Moderno
XVIII (da Era Cristã)	Período Iluminista
XIX (da Era Cristã)	Período Contemporâneo

O corpo doutrinário do Espiritismo se baseia na tríade Ciência, Filosofia e Religião, sendo: o corpo científico dado por meio de métodos sistematizados (observação; testagem; análise racional, imparcial e crítica; submissão aos pares e à comunidade; divulgação, por meio de periódicos especializados e palestras); o corpo filosófico dado por meio da busca racional por respostas às perguntas mais abstrusas da humanidade em todos os tempos, por exemplo: De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?; o corpo religioso dado por meio da interpretação, atualizada e aprofundada (necessárias à época) do Evangelho de Jesus de Nazaré, visando à nossa tomada de consciência na busca pelo autodescobrimento, pelas vias da prática do Amor e da Moralidade.

Obviamente que um empreendimento de tal relevância para a humanidade terráquea não seria uma tarefa simples, tendo sido necessária a publicação de cinco obras básicas, tidas pela comunidade espiritista como o Pentateuco Kardequiano, quais sejam: O Livros dos Espíritos (publicado no ano 1857); O Livro dos Médiuns (publicado no ano 1861); O Evangelho Segundo o Espiritismo (publicado no ano 1864); O Céu e o Inferno (publicado no ano 1865); e A Gênese (publicado no ano 1868).

Em verdade, O Livros dos Espíritos, a obra primitiva da espiritualidade superior – o consolador prometido pelo Mestre Nazareno –, fora organizada em quatro partes, seguindo a maiêutica, método científico socrático. Da Parte Primeira – ‘Das Causas Primárias’ – desdobra-se a quinta obra da codificação (A Gênese), que nos apresenta a ênfase científica (as justificativas teóricas, ‘acadêmicas’) da Doutrina Espírita. Da Parte Segunda – ‘Do Mundo dos Espíritos’ – destacou-se o segundo livro da codificação (O Livro dos Médiuns), que nos confere a ênfase metodológica (a prática científica) da Doutrina Espírita. Da Parte Terceira – ‘Das Leis Morais’ – emerge o terceiro volume da codificação (O Evangelho Segundo o Espiritismo), que desenvolve a ênfase moral, da caridade e do amor (a religiosidade) da doutrina dos espíritos. Por fim, da Parte Quarta – ‘Das Esperanças e Consolações’ – advêm o quarto manuscrito da codificação (O Céu e o Inferno), que complementa o aspecto religioso, não dogmático e não misterioso, mas racional e compreensível a todos.

Todo Pentateuco Kardequiano apresenta a tríade Ciência, Religião e Filosofia de modo indissociável, apesar de enfatizar um ou outro aspecto neste ou naquele livro. Especificamente em relação aos aspectos filosóficos, descreverei, sinteticamente, algumas passagens e personagens que contribuíram com Allan Kardec para a codificação do Espiritismo:

1. Em 'A Gênese' (Kardec, 2007a), na primeira das três partes do livro, particularmente os capítulos I ao III, o autor apresenta uma síntese dos fundamentos filosóficos do Espiritismo, quando retorna aos temas da revelação, de Deus e do bem e do mal. No capítulo I, item 56, a respeito da "[...] utilidade da doutrina moral dos espíritos, visto que ela não é outra senão a do Cristo [...]" (Kardec, 2007a, p. 72), Allan Kardec assim nos assevera:

Os espíritos só ensinam a moral do Cristo, pela simples razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o seu ensino, se eles apenas dizem o que sabemos? O mesmo se poderia afirmar da moral do Cristo que foi ensinada, quinhentos anos antes dele, por Sócrates e Platão e em termos quase idênticos; e de todos os moralistas que repetem a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *os espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, fazem-se ouvir tanto na choupana como no palácio, tanto pelos ignorantes como pelos instruídos. (Kardec, 2007a, p. 73).

2. Em 'O Céu e o Inferno' (Kardec, 2008), na primeira das duas partes do livro, particularmente os capítulos I ao XII, o autor encerra os fundamentos filosóficos da Doutrina Espírita em relação a alguns princípios da Igreja e estabelecendo comparações ao paganismo e ao Espiritismo: o futuro e o nada; o receio da morte; céu, inferno e purgatório; penas eternas ou futuras?; anjos e demônios.

Já a segunda parte do livro nos oferece exemplos de espíritos nas mais diversas condições após a desencarnação. Um deles foi Jean Reynaud, considerado feliz na erraticidade, que ofertou três comunicações, a destacar:

Meus amigos, quanto esta nova vida é magnífica! [...] Passei das sombras da matéria à aurora brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas produzidas pela ignorância na pobre humanidade [...] Ajudado pelos espíritos superiores que protegem a nova doutrina, eu vou ser um dos exploradores que demarcam vosso caminho. (Kardec, 2008, p. 257).

O capítulo VII apresenta exemplos de espíritos endurecidos, ou seja, "[...] porque estive muito tempo sem manifestar o mínimo arrependimento, o que também é um exemplo verdadeiro de que o progresso moral nem sempre segue o progresso intelectual" (Kardec, 2008, p. 399). A respeito de um deles, Lamennais (no item I) e Jean Reynaud (no item III), respectivamente, ofertaram suas apreciações:



Os espíritos na erraticidade [...] podem expiar, contanto que seu orgulho e a tenacidade pavorosa e insubmissa de seus erros não os detenham no momento de sua ascensão progressiva. [...] a expiação [...] em lugar de lhes ser proveitoso e de fazê-los sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e faz crescer neles esses murmúrios que as *Escrituras*, em sua poética eloquência, denomina *ranger de dentes* [...] Sinal do sofredor enfraquecido, porém insubmisso! [...] Existe o infinito moral! Miserável, infimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrices abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que via neste. [...] É incontestável, ó homens! Que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado sobre a terra e a imortalidade que os espíritos realmente conservam em suas provas sucessivas (Kardec, 2008, p. 399 e 400).

A justiça humana não faz distinção da individualidade dos seres que castiga; avaliando o crime pelo próprio crime, ela atinge indistintamente aqueles que o cometeram [...] A justiça divina procede de forma diferente: as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais elas são aplicadas. [...] dois homens culpados, sob o mesmo ponto essencial, podem ser separados pela distância das provas, que lançam um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, enquanto que o outro, tendo-os ultrapassado, possui a lucidez que liberta o espírito da perturbação. Então, não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual [...] A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes em épocas de materialismo e de transição. A luz que tortura o espírito culpado, portanto, é exatamente o raio espiritual inundando de claridade os refúgios secretos do seu orgulho, e mostrando-lhe a futilidade do seu ser fragmentário (Kardec, 2008, p. 401 e 402).

Por fim, o capítulo VIII apresenta exemplos de expiações terrestres e a respeito de um deles, Santo Agostinho oferece a seguinte instrução:

Pobre pequeno ser sofredor, fraco, ulceroso e disforme! Quantos gemidos fazia ouvir nesse asilo de miséria e de lágrimas! E, apesar de sua pouca idade, como era resignado, e quanto sua alma já compreendia o objetivo dos sofrimentos! Ele percebia que além do túmulo esperava-o uma recompensa por tantos queixumes abafados! [...] Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível [...] essa alma tão bela que se evadia desse corpo disforme pronunciando estas palavras: ‘Glória vos seja dada, ó meu Deus!’ [...] E agora o espírito do pobre menino retomou as suas proporções [...] Libertado de toda a matéria e de toda a mácula, ele está perto de vós [...] ele vos diz: ‘Aqueles que me viram, contemplaram o menino que não se queixava; nele colheram a calma para os seus males; e seus corações se reforçaram na benigna confiança em Deus; eis o objetivo da minha curta passagem pela Terra’. (Kardec, 2008, p. 418).

3. Em ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ (Kardec, 2021a), logo na introdução do livro, tem-se o item IV, intitulado ‘Sócrates e Platão, precursores da ideia Cristã e do Espiritismo’. Em 12 páginas o autor apresenta uma síntese comentada da doutrina de ambos os filósofos gregos, como a exemplificação que se segue:

As grandes idéias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. [...] Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão. Sócrates, como o Cristo, nada escreveu [...] Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo [...] Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com seus ensinamentos que lhe ministrava, ele também foi acusado, pelos fariseus do seu tempo [...] por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo

Platão. [...] Aos que consideram esse paralelo uma profanação e pretendem que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que objetivava combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída [...] se Sócrates e Platão pressentiram a idéia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo. (Kardec, 2021a, p. 43 e 44).

Ao todo, Allan Kardec sintetiza os pensamentos socrático e platônico em 21 tópicos que, de modo geral, dizem respeito: da alma independente, mas limitada pelo corpo e plena quando dele liberta; da reencarnação e, portanto, da pluralidade das existências (noção de eternidade da alma); das diferentes escalas morais dos espíritos; da manutenção dos laços afetivos após a morte; da caridade, da fraternidade e do amor entre os seres; da tolerância conosco mesmo e com os outros por conta dos defeitos e, em especial, nos ater mais aos nosso que os de outrem; das relações entre corpo e alma inclusive em relação à medicina. Ao comentar as máximas dos dois maiores filósofos ocidentais de todos os tempos, Allan Kardec se valeu da análise racional e lógica para estabelecer relações entre a Filosofia Cristã e a Filosofia Espírita, como dado no exemplo abaixo:

VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono. A palavra *daímon*, da qual fizeram o termo demônio [...] na Antiguidade [...] designava [...] todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos Superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados [...] que se comunicavam diretamente com os homens. [...] Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *Espírito* e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã. (Kardec, 2021a, p. 45 e 46).

Em suma, segundo Kardec (2021a, p. 48), “Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo”. Seguindo, o livro apresenta uma série de depoimentos de outros três filósofos, desprendidos dos laços materiais (desencarnados), que enriqueceram a obra: Fénelon, Lamennais e Santo Agostinho. Vamos a cada um deles.

Fénelon contribuiu em seis passagens. No capítulo I – ‘Não vim destruir a lei’, a respeito da Nova Era (item 10): “O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias Leis da Natureza [...] o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. [...] A revolução que se apresenta é antes moral do que material. [...] olhai e marchai para a frente; a lei dos mundos é a do progresso” (p. 61 e 62). No capítulo V – ‘Bem-aventurados os aflitos’, referente ao cuidado em atribuir juízo de valor a outrem (item 22): “Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. [...] Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera [...] vida material [...] se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira” (p. 126) e

quanto aos tormentos voluntários (item 23): “[...] gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis [...] isto é, nos gozos materiais em vez de a procurar nos gozos da alma, que são um prelibar dos gozos celestes, imperecíveis [...] E não será uma felicidade a calma, em meio das tempestades da vida?” (p. 126 e 127). No capítulo XI – ‘Amar o próximo como a si mesmo’, sobre a Lei de Amor (p. 202 a 204 – item 9). No capítulo XII – ‘Amai os vossos inimigos’, relativo ao ódio (item 10): “[...] amar os que vos inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. [...] Se os odiásseis, como vos odeiam, não valeríeis mais do que eles” (p. 221 e 222). E no capítulo XVI – ‘Não se pode servir a Deus e a Mamom’, concernente ao uso (bom e mau) da riqueza (item 13): “O mau uso [dos bens/dons/dotes que Deus nos concedeu – **grifo meu**] consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo” (p. 292).

Lamennais contribuiu com uma passagem, no capítulo XI – ‘Amar o próximo como a si mesmo’, a respeito de expormos nossa própria vida para salvar a de um malfeitor (item 15): “Questão muito grave é esta [...] Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral [...] O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade [...]” (p. 211).

Santo Agostinho contribuiu em outras seis passagens. No capítulo III – ‘Há muitas moradas na casa de meu Pai’, a respeito das características dos planetas: de provas e expiações (item 15): “A Terra [...] um dos tipos de mundos expiatórios [...] lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus” (p. 82); regeneradores (item 18): “[...] nesses mundos, ainda falível é o homem [...] Não avançar é recuar [...]” (p. 84); e da progressão dos mundos (item 19): “O progresso é Lei da Natureza. [...] Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam” (p. 84). No capítulo V – ‘Bem-aventurados os aflitos’, referente ao mal e o remédio, metafóricos da moralidade humana (item 19): “Será a Terra um lugar de gozo, um paraíso de delícias? [...] escolheste as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? [...] Que remédio, então, prescrever [...] Só um é infalível: a fé [...]” (p. 119 e 120). No capítulo XII – ‘Amai os vossos inimigos’, relativo ao duelo, ou seja, o orgulho e a vaidade levados ao extremo (item 12): “Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? [...] a um golpe desferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão” (p. 223 e 224). No capítulo XIV – ‘Honrai a vosso pai e a vossa mãe’, sobre a ingratidão filial e os laços familiares (item 9): “[...] não há caridade sem perdão [...] compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do Espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma [...]” (p. 262 e 263). E no capítulo

XXVII – ‘Pedi e obtereis’, concernente à prece e suas consequências benfazejas (item 23): “A prece! ah!... como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! [...] Filha primogênita da fé [...] A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura [...]” (p. 425).

4. O ‘O Livro dos Médiuns’ (Kardec, 2007b) é organizado em duas partes. A primeira parte, intitulada ‘Noções Preliminares’, contém quatro capítulos que elucidam os métodos e sistemas da prática da Ciência Espírita. No capítulo IV – ‘Dos Sistemas’ – o Espírito que houvera sido Lamennais se posiciona a respeito do perispírito (em verdade, da relação corpo, perispírito e espírito – item 51):

O que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que este fluído é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Esta, para progredir, necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada é, para vós, ou, melhor, não a podeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendei primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois. (p. 73 e 74).

A segunda parte de ‘O Livro dos Médiuns’, intitulada ‘Das Manifestações Espíritas’, contém 32 capítulos que aprofundam nos métodos de manifestações (tipos), nos agentes (médiuns) e nos instrumentos (meios e perguntas) da prática da Ciência Espírita. Ao longo do texto alguns espíritos que, encarnados foram filósofos eminentes, alguns mesmos marcaram épocas, contribuem para o entendimento metodológico espiritista.

No capítulo VII – ‘Da Bicorporeidade e da Transfiguração’ – o Espírito que houvera sido Santo Afonso se posiciona a respeito (item 119):

[...] o Espírito encarnado, ao sentir que lhe vem o sono [...] abandona então o corpo, acompanhado de uma *parte* do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado próximo ao da morte. Digo *próximo* do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. [...] Achando-se desprendido da matéria, conformemente ao grau de sua elevação, pode o Espírito tornar-se tangível à matéria. [...] Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isto muito raro; mas, em todo caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos extático. (p. 164 e 165).

No capítulo XVI – ‘Dos Médiuns Especiais’ – o Espírito que na Grécia clássica fora Sócrates se posiciona a respeito dos principais gêneros de mediunidade, dentre eles, em especial, relativo aos bons médiuns, quais sejam: sérios; modestos; devotados; e seguros (itens 197 e 198, respectivamente):

Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem de boa-fé preservar-se dos escolhos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a *escala espírita*, a que serve de complemento. Esses dois quadros reúnem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que o supondes, para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho. (p. 253).

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de todo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio, ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*. (p. 253 e 254).

No capítulo XXXI – ‘Dissertações Espíritas’ – outros quatro espíritos, que foram filósofos de escol, contribuem acerca do Espiritismo propriamente, dos médiuns e das sociedades espíritas. Quanto ao Espiritismo, nos ensinam, respectivamente, Santo Agostinho e Jean Jaques Rousseau (itens I e III):

Confiai na bondade de Deus e sede bastante clarividentes para perceberdes os preparativos da nova vida que ele vos destina. Não vos será dado, é certo, gozá-la nesta existência; porém, não sereis ditosos, se não tornardes a viver neste globo, por poderes considerar do alto que a obra, que houverdes começado, se desenvolve sob as vossas vistas? Couraçaí-vos de fé firme e inabalável contra os obstáculos que, ao que parece, hão de levantar-se contra o edifício cujos fundamentos pondeis. São sólidas as bases em que ele assenta: a primeira pedra colocou-a o Cristo. Coragem, pois, arquitetos do divino Mestre! Trabalhai, construí! Deus vos coroará a obra. Mas, lembrai-vos bem de que o Cristo renega, como seu discípulo, todo aquele que só nos lábios tem a caridade. Não basta crer; é preciso, sobretudo, dar exemplos de bondade, de tolerância e de desinteresse, sem o que estéril será a vossa fé. (p. 476 e 477).

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, até agora nada ou pouco definidos. Explica, mais do que desvenda, horizontes novos. A reencarnação e as provas, sofridas antes de atingir o Espírito a meta suprema, não são revelações, porém uma confirmação importante. Tocam-me ao vivo, as verdades que por *esse meio* são postas em foco. Digo intencionalmente – *meio* – porquanto, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. Está toda por criar-se a preocupação das questões morais. Discute-se a política, que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; o ataque ou a defesa das personalidades apaixonam; os sistemas têm seus partidários e seus detratores. Entretanto, as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão da vida, ficam abandonadas sob o pó que os séculos hão acumulado. Aos olhos das multidões, todos os aperfeiçoamentos são úteis, exceto o da alma. Sua educação, sua elevação não passam de quimeras, próprias, quando muito, para ocupar os lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres, quer como moda, quer como ensino. Ressuscitando o *espiritualismo*, o *Espiritismo* restituirá à sociedade o surto,

que a uns dará a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevarem para o Ente supremo, olvidado e desconhecido pelas suas ingratas criaturas. (p. 478 e 479).

### Sobre os médiuns, nos ensina Pascal (item XIII):

Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, por intenções puras e pelo desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral. Porque, lembrai-vos de que o egoísmo é causa de retardamento a todo progresso. Lembrai-vos de que se Deus permite que alguns dentre vós recebam o sopro daqueles de seus filhos que, pela sua conduta, souberam fazer-se merecedores de lhe compreender a infinita bondade, é que ele quer, por solicitação nossa e atendendo às vossas boas intenções, dar-vos os meios de avançardes no caminho que a ele conduz. Assim, pois, médiuns! Aproveitai dessa faculdade que Deus houve por bem conceder-vos. Tende fé na mansuetude do nosso Mestre; ponde sempre em prática a caridade; não vos canseis jamais de exercitar essa virtude sublime, assim como a tolerância. Estejam sempre as vossas ações de harmonia com a vossa consciência e tereis nisso um meio certo de centuplicardes a vossa felicidade nessa vida passageira e de preparardes para vós mesmos uma existência mil vezes ainda mais suave. Que, dentre vós, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino espírita, se abstenha; porquanto, não fazendo proveitosa a luz que o ilumina, será menos escusável do que outro qualquer e terá que expiar a sua cegueira. (p. 486 e 487).

### Por fim, a respeito das sociedades espíritas, nos ensinam Santo Agostinho (item XVI) e Fénelon (itens XXI e XXII), respectivamente:

Por que não começais as vossas sessões por uma invocação geral, uma como prece, que disponha ao recolhimento? [...] os bons Espíritos só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. É o que ainda os homens não compreendem bastante. [...] Podeis tornar-vos um foco de luz para a humanidade. [...] semeai unicamente o bom grão e preservai-vos de espalhar o joio [...] Fazei, conseguintemente, que nada empane o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio. Por isso é que vos recomendamos pedirdes a Deus que vos assista. [...] Sabeis que não há fórmula absoluta. Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. [...] Fugi, sobretudo, de vos servirdes de uma dessas fórmulas banais que se recitam por desengano de consciência. Sua eficácia reside na sinceridade do sentimento que a dita; está sobretudo na unanimidade da intenção [...]. (p. 489 e 490).

Meus amigos, quereis formar um grupo espírita e eu o aprovo [...]. Deus não lhes outorgou para seu uso exclusivo a sublime faculdade que possuem, mas para o bem de todos. [...] Estais bem certos do que deve ser uma reunião espírita? [...] pelo ascendente moral que exercerdes é que atraireis os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes. [...] Estais convencidos de que o Espiritismo acarretará uma reforma moral. Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs [...]. Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. (p. 494 e 495).

[...] os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina vêem unicamente irmãos entre todos os espíritas, e não rivais. [...] O verdadeiro Espiritismo tem por divisa *benevolência* e *caridade*. Não admite qualquer rivalidade, a não ser a do bem que todos podem fazer. [...] Haja, pois, luta entre eles, mas luta de grandeza d'alma, de abnegação, de bondade e de humildade. [...] A natureza dos sentimentos recíprocos que dois homens manifestam é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem. (p. 495).

5. Todo o ‘O Livro dos Espíritos’ (Kardec, 2021b) encerra o fundamento filosófico da Doutrina Espírita; toda essa doutrina, ditada pelos Espíritos superiores e codificada por Allan Kardec nesse livro, pode ser considerada como a Filosofia Espírita, “[...] uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema” (p. 68). Uma pequena amostra dessa assertiva encontra-se, se dada atenção especial, na Tábua das Matérias (sumário) do livro: um verdadeiro compêndio filosófico, por abordar as grandes questões que intrigam a humanidade desde os seus primórdios.

A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativas às manifestações inteligentes. [...] A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos são necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do Mundo Invisível, e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. (p. 64 e 65).

Allan Kardec se valeu do método maiêutico socrático para indagar a espiritualidade superior, bem como para sistematizar e organizar o conjunto de informações e saberes doutrinários. Nesse sentido, a seguir, algumas questões utilizadas pelo codificador insigne – e a resposta de alguns dos nobres benfeitores divinos que, quando encarnados, foram filósofos – serão destacadas.

145. *Como se explica que tantos filósofos antigos e modernos, durante tão longo tempo, hajam discutido sobre a ciência psicológica e não tenham chegado ao conhecimento da verdade?* “Esses homens eram os precursores da eterna Doutrina Espírita, prepararam os caminhos. Eram homens e, como tais, se enganaram, tomando suas próprias ideias pela luz. No entanto, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade, mostrando o pró e o contra. Demais, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo torna apreensíveis”. (p. 143).

Em cinco outras questões, quatro Espíritos, de filósofos antigos, responderam às inquirições propostas: Santo Agostinho (em quatro questões); Fénelon, Lamennais e Platão (cada qual em uma questão).

495. *Poderá dar-se que o Espírito Protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?* “Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Não o abandona completamente, porém, e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame. [...] Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. [...] desempenham bela, porém penosa missão. [...] Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos. Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! [...] estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. [...] Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! [...] Aos que considerem impossível [...] diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é [...] Gozamos de qualidades que não podeis compreender [...] Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. [...] Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. [...] Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para o repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?”. Santo Agostinho. (p. 314 a 316).

917. *Qual o meio de destruir-se o egoísmo?* “De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material [...]. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem, o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa [...]. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contacto”. Fénelon. (p. 509 e 510).

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?* “Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo*”. a) *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de conseguilo?* “Fazei o que eu fazia, quando vivi na terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. [...] Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado. [...] Direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? [...] O avarento se considera apenas econômico e previdente [...] Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificáveis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor [...] e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que faria um amigo. [...] Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro [...]”. Com este objetivo é que ditamos *O livro dos espíritos*. Santo Agostinho. (p. 514 a 516).

1009. *Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?* “Interrogai o vosso bom-senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito, a duração da vida, ainda quando de cem anos, em face da eternidade? Eternidade! [...] O vosso juízo não repele semelhante ideia? Que os antigos tenham considerado o Senhor do Universo um Deus terrível, cioso e vingativo, concebe-se. [...] Esse, todavia, não é o Deus dos cristãos, que classifica como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas. [...] Não haverá contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança também infinita? [...] Aliás, no fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado não está toda a sublimidade da justiça unida à bondade? Aí é que se encontra a verdade desta sentença: “A cada um segundo as suas obras”. Santo Agostinho. (p. 564 e 565).

“Aplicai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, em aniquilar a ideia da eternidade das penas, ideia blasfematória da justiça e da bondade de Deus, germen fecundo da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas humanas [...]. Pobres ovelhas desgarradas, aprendei a ver aproximar-se de vós o Bom Pastor, que, longe de vos banir para todo o sempre de sua presença, vem pessoalmente ao vosso encontro, para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso voluntário exílio [...]. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso ao seio da família”. Lamennais. (p. 565 e 566).

“Guerras de palavras! guerras de palavras! Ainda não basta o sangue que tendes feito correr! Será ainda preciso que se reacendam as fogueiras? Discutem sobre palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos. Ignorais então que o que hoje entendeis por *eternidade* não é o que os antigos entendiam e designavam por esse termo? Consulte o teólogo as fontes e lá descobrirá, como todos vós, que o texto hebreu não atribuía esta significação ao vocábulo que os gregos, os latinos e



os modernos traduziram por *penas sem-fim, irremissíveis*. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto existir o mal entre os homens, os castigos subsistirão. Importa que os textos sagrados se interpretem no sentido relativo. A eternidade das penas é, pois, relativa e não absoluta. [...] Limitada tendes, é certo, a vossa razão humana, porém, tal como a tendes [...] nenhum homem de boa-fé haverá que de outra forma compreenda a eternidade dos castigos. Pois quê! Fora necessário admitir-se por eterno o mal. Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno; do contrário, forçoso seria tirar-se-lhe o mais magnífico dos seus atributos: o soberano poder, porquanto não é soberanamente poderoso aquele que cria um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo". Platão. (p. 566 e 567).

Por fim, Allan Kardec reúne nas últimas 18 páginas de 'O Livros dos Espíritos' as conclusões acerca da Doutrina Filosófica Espiritista:

Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas ideias [espíritas – **grifo meu**]: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação desses princípios. [...] Limitada tendes, é certo, a vossa razão humana, porém, tal como a tendes [...] nenhum homem de boa-fé haverá que de outra forma compreenda a eternidade dos castigos. Pois quê! Fora necessário admitir-se por eterno o mal. Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno; do contrário, forçoso seria tirar-se-lhe o mais magnífico dos seus atributos: o soberano poder, porquanto não é soberanamente poderoso aquele que cria um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo". Platão. (p. 566 e 567).

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, os dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. [...] para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem outra coisa, que não somente fenômenos mais ou menos curiosos, diversos são os seus efeitos. O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso [...]. O segundo efeito [...] é a resignação nas vicissitudes da vida. [...] O terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. (p. 592, 594 e 595).

Os bons Espíritos só pregam a união e o amor ao próximo, e nunca um pensamento malévolos ou contrário à caridade pode provir de fonte pura. Ouçamos sobre este assunto, e para terminar, os conselhos do Espírito Santo Agostinho: "Por bem largo tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que um dia os unirá, porque lhes mostrará onde está a verdade, onde o erro. [...] Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si fizeram partilha do mundo? Julgai-o pelas suas obras e pelos seus princípios. Jamais os bons Espíritos foram os instigadores do mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; jamais estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a aversez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses os seus predileitos e predileitos de Jesus, porque seguem a estrada que este lhes indicou para chegarem até Ele". Santo Agostinho. (p. 600 e 601).

## De 1857 (início da sistematização do Espiritismo, por Alan Kardec) à Era Cristã (Século primeiro).

Retrocedendo na temporalidade histórica da humanidade, partindo de meados do século XIX, mais precisamente 1857, ano do início da organização sistematizada do Espiritismo (por Alan Kardec quando da publicação d'O Livro dos Espíritos) até o início da Era Cristã, quer dizer, da encarnação do Ungido de Nazaré no Planeta Terra, decorreu-se um período de quase 19 séculos, ou seja, aproximadamente 1.850 anos. Ao longo desse tempo a Filosofia Ocidental se consolidou possibilitando a reflexão de temas infindáveis que nos tocam diretamente, tais como a vida, a morte, Deus, a moral, a ética, a política, a pessoa humana, a Natureza, dentre tantos outros. Para esse momento do presente trabalho vou me ater à contribuição metafísica de alguns filósofos e como suas reflexões corroboraram as máximas do Evangelho de Jesus em todos os tempos. No Quadro 2, abaixo, tem-se uma síntese do que acabei de enunciar:

Quadro 2 – Relação entre alguns períodos temporais da história humana e filósofos que apresentaram ideias concernentes às do Cristo Jesus e, conseqüentemente, do Espiritismo.

PERÍODO FILOSÓFICO	SÉCULO (da Era Cristã)	FILOSÓFO
Filosofia Contemporânea	XIX	Fichte, Hegel, Schelling e Schopenhauer.
Filosofia Moderna	XVIII, XVII e XVI	Bruno, Descartes, Hobbes, Kant, Leibniz, Montaigne, Newton, Pascal, Rousseau, Spínosa e Voltaire.
Filosofia Medieval	XIII, XII, V e IV	Abelardo, Agostinho e Aquino.
Filosofia Antiga	III e I	Plotino e Sêneca.

No pensamento filosófico contemporâneo, do século XIX, podem ser destacados quatro filósofos cujas premissas filosóficas atestam a perpetuação dos ensinamentos do Cristo – base constitutiva da doutrina espiritista. Sucintamente, vamos a eles:

1. O pensamento de Schopenhauer<sup>10</sup> insere a compaixão – em termos de nos colocar no lugar do outro, de sentir a dor do próximo – como fundamento da ética. E tal premissa vai ao encontro de um dos ensinamentos de Jesus, clarificados pelo Espiritismo: “Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles” (Mt 7, 12 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1188).

<sup>10</sup> Arthur Schopenhauer, encarnou no ano 1788 e desencarnou no ano 1860 da Era Cristã.

2. Para Schelling<sup>11</sup> existe um princípio único (de todas as coisas e seres) que remonta à existência de Deus. Além disso, para ele, a razão abriga a consciência, responsável por nos compreender enquanto Espírito (ser inteligente exterior à realidade vivente e que se manifesta no mundo concreto pela empiria e sensibilidade), que, por outro lado, é direcionada por uma consciência maior – o próprio Deus. O entendimento espiritista de que somos Espíritos e estamos na carne para nos melhorarmos apresenta o mesmo princípio do aludido filósofo. Já a noção que Deus é a consciência suprema e somos seres cômicos, pois racionais nos remete a outro ensinamento de Jesus, por meio da parábola: “O Pai e eu somos um” (Jo 10, 30 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1307). A Psicologia Analítica decantada por Jung<sup>12</sup> nos apresenta os conceitos de Ego e *Self* como explicação científica dessa relação: o Ego seria o centro de nossa consciência (o nosso eu encarnado), enquanto o *Self* seria o núcleo do nosso inconsciente, aquele arquétipo da divindade que habita em nós: “Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês e estará com vocês” (Jo 14, 17 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1313).

3. Já o pensamento de Hegel<sup>13</sup>, apresentado em sua obra *Fenomenologia do Espírito* (publicada em 1806), traz a ideia da infinitude do Espírito que se realiza superando o finito, quer dizer, ele se constitui a si-mesmo de modo progressivo e contínuo, porém, diversificando as figuras reais que se vale para percorrer os momentos sucessivos nessa sua infinitude. *Fenomenologia* é uma palavra que origina-se do grego, *phainomenon*, significando algo que aparece. Daí, fenomenologia pode ser compreendida como a ciência do espírito que se manifesta sob a forma de um ser determinado “[...] que, em uma série sucessiva de “figuras”, ou seja, de momentos dialeticamente relacionados entre si, alcança o saber absoluto” (Silva, 2020c, p. 6). Tais premissas nada mais são que: (a) as concepções espíritas de encarnação e pluralidade das existências; além da questão do ser eterno (o Espírito) necessitar do ser finito (na matéria, o corpo humano) para desenvolver-se; (b) o ensinamento cristão ‘ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo’ (Jo 3, 3-8 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1294). Para Hegel, ser Espírito é auto realizar-se e auto conhecer-se de/por meio de/para Deus, ou, como nos asseverou Jesus de Nazaré, Santo Agostinho e o Espiritismo: conhece-te a ti mesmo (Ti 4, 16 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1462) – máxima também respaldada pela Psicologia Analítica, de Jung, e Psicologia Espírita, de Joanna de Ângelis<sup>14</sup>, a respeito do processo de individuação: tornar-se numinoso integrando os conteúdos inconscientes à consciência, e o Ego ao *Self* (Jung, 2013b, 2015; Ângelis, 2021b).

<sup>11</sup> Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, encarnou no ano 1775 e desencarnou no ano 1854 da Era Cristã.

<sup>12</sup> Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço e fundador da Psicologia Analítica, encarnou no ano 1875 e desencarnou no ano 1961 da Era Cristã.

<sup>13</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel, encarnou no ano 1770 e desencarnou no ano 1831 da Era Cristã.

<sup>14</sup> Joana de Ângelis: um Espírito de superioridade elevada “[...] que realiza uma experiência educativa e evangélica de altíssimo valor, tem sido, nas suas diversas reencarnações, colaboradora de Jesus [...]. Até o momento, por intermédio da psicografia de Divaldo Franco, é autora de mais de 70 obras [...]” (Carneiro; Franco, 2023, orelha da quarta capa da obra).

4. Por fim, o pensamento filosófico de Fichte<sup>15</sup> nos diz que o mundo (aquilo que concebemos por realidade – plano material) é criação do Espírito. Dito de outro modo, para ele, não há progresso que não seja efeito do espírito humano. Por mais que tal assertiva não tenha a mesma essência conotativa a que se refere o Espiritismo, é possível fazer a transposição para a responsabilização do Espírito em relação a seus pensamentos e ações, tanto na erraticidade (desencarnado) quanto no mundo material (encarnado). Inclusive, o seu autoprogresso e o progresso da humanidade é a finalidade de sua existência, ou como nos indica a célebre frase-tema do Espiritismo: “nascer, viver, morrer, renascer de novo e progredir continuamente, tal é a lei” (Emmanuel, 1974, p. 84).

No pensamento filosófico moderno, que vigeu nos séculos XVI ao XVIII, destacarei aqui onze filósofos cujas reflexões filosóficas legitimam os ensinamentos cristãos e espíritas. Concisamente, vamos a eles:

1. O pensamento de Kant<sup>16</sup> nos apresenta a sensibilidade como uma capacidade cognitiva do ser humano – por meio dela captamos e organizamos os estímulos externos, que ele denomina por intuições. Essas, por sua vez, ele diferencia entre intuições empíricas (as sensações propriamente ditas) e intuições puras: que se apresentam nas coisas mesmas, contudo sem a elas pertencerem; pelo contrário, pertencem à nossa mente que as percebe. Essa teoria retrata, mesmo que de modo não intencional, que a intuição pura encontra-se em nossa mente que, segundo as vertentes analítica e espírita da Psicologia, nada mais é que o organismo biológico/material (cérebro) manifestando o Espírito que somos (psique) por meio do intelecto (mente). Portanto, a intuição pura pode ser compreendida como a linguagem do Espírito (manifesta no/pelo inconsciente) enquanto limitado pela matéria (Jung, 2013a; Kardec, 2021b – resposta às questões 218, 218a, 368, 369, 375 e 522).

Kant em suas obras *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e *Crítica da Razão Prática* reflete a respeito da ética por meio do comportamento moral humano. Para ele, o ser humano deve agir sem buscar nada em troca, de modo desinteressado e com boa vontade – conceito de imperativo categórico –, pois assim estaria balizando sua conduta pela racionalidade moral do dever (para ele, uma lei universal). Essa concepção kantiana vai ao encontro da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus quando asseveram ‘que a mão direita não saiba o que deu a esquerda’ (Mt 6, 3 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1186) ou ‘fazer o bem sem olhar a quem’ (Gl 6, 10 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1430).

2. Para Rousseau a pessoa humana tinha uma originalidade natural que estava se perdendo no mundo. Para ele, somos, *in natura*, moralmente bons, justos e tendentes ao Amor, mas fomos nos ‘desnaturalizando’ em decorrência da imersão

<sup>15</sup> Johann Gottlieb Fichte, encarnou no ano 1726 e desencarnou no ano 1814 da Era Cristã.

<sup>16</sup> Immanuel Kant, encarnou no ano 1724 e desencarnou no ano 1804 da Era Cristã.

na superestrutura social. Ou, como nos instruiu os Espíritos de escol que ditaram a Doutrina Espírita: as leis de Deus encontram-se escritas em nossa consciência (reposta à questão 621 de O Livro dos Espíritos – Kardec, 2021b). Ainda a propósito desse ‘estado de natureza original’, Rousseau, em seu livro *Discurso sobre a Desigualdade*, relatou que “[...] o homem selvagem [...] não sentia senão as suas verdadeiras necessidades [...]; as gerações se multiplicavam inutilmente; e, partindo cada uma sempre do mesmo ponto, os séculos se escoavam em toda a grosseria das primeiras idades; a espécie já estava velha, e o homem conservava-se sempre criança” (Rousseau, 2001, p. 85). Qualquer estudioso da Doutrina Espírita asseguraria que Rousseau fora inspirado por algum Espírito superior (em sabedoria), pois retratou a constituição original dos Espíritos por Deus (simples e ignorantes) e suas primeiras encarnações – dotados de livre arbítrio, porém ainda pouco cômicos e, com isso, tendo o progresso, individual e coletivo, em processo lento (Kardec, 2021b – resposta à questão 115). Reforçando o propósito humano pela evolução (individual, coletiva e planetária) às custas do auto melhoramento, Jesus de Nazaré já trazia à reflexão que ‘ninguém vai ao Pai se não nascer de novo’ (Jo 3, 3-8) – explicação racional da reencarnação.

Rousseau reflete sobre esse problema da humanidade e também aponta a solução: o retorno às origens; não voltarmos a ser primitivos (e mais limitados) como em priscas eras, mas buscarmos nossa originalidade metafísica, ou seja, a bondade potencial que temos em nós, ou melhor, que somos. Somente assim praticaremos o bem, minimizando consequentemente o mal e regenerando a humanidade (Ângelis, 2021c). E como proceder a esta ‘renaturalização rousseauiana’ da pessoa humana? Conhecendo-nos a nós mesmos, uma busca pelo autoconhecimento e autodescobrimento – máxima proferida por Santo Agostinho e exarada em O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b – resposta à questão 919). Além disso, em outra obra de sua autoria, *Do Contrato Social*, ele diz da “[...] alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, em favor de toda a comunidade [...] produz um corpo moral e coletivo [...]” (Rousseau, 2002, p. 24-26). Sabe-se que Rousseau trata nessa obra de uma proposta de organização social, política e econômica, porém, indubitavelmente, a ideia da renúncia aos interesses individuais (egóicos) em favor de uma realidade que favoreça à coletividade (o bem comum) se assemelha à ideia da renúncia cristã em favor do próximo: se não a abnegação total, o exercício do não egoísmo e do controle consciente da vaidade e da ganância – bases da moral cristã que se alicerça no Amor e na Caridade.

3. Já o pensamento de Voltaire<sup>17</sup>, parte do princípio que Deus existe como ele mesmo atesta em seu livro *Tratado de Metafísica* (Voltaire, 1973, p. 155): “Depois de nos arrastarmos assim, de dúvida em dúvida, e de conclusão em conclusão, até poder encarar a proposição Existe um Deus como a coisa mais verossímil que os homens possam pensar, e após ter visto que a proposição contrária é uma das mais absurdas

<sup>17</sup> François-Marie Arouet, encarnou no ano 1694 e desencarnou no ano 1778 da Era Cristã.

[...]”. Para ele, é a razão, e não a fé, a comprobatória da existência de Deus. E ambas afirmações são princípios basilares do Espiritismo: “*Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*” (Kardec, 2021a, p. 337). Voltaire ainda apresenta sua justificativa para a coexistência entre Deus e o mal baseando-se que esse é uma questão humana e não proveniente de Deus. Além disso, ele foi um defensor da tolerância no combate à tirania (ódio, intriga, ira, cólera que ocasionam torturas, estupros, guerras, genocídios e epistemicídios), indo ao encontro das máximas cristãs “ame ao seu próximo como a si mesmo” (Mt, 22, 39 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1210) e ‘perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes’ (Mt, 18, 21-22 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1204).

4. Assim como Voltaire, Newton<sup>18</sup> também era deísta e cria em um Deus racional posto que o Universo, por Ele criado, era racional e podia ser compreendido e explicado, por nós, de modo racional (matemático) – como descrito cientificamente em sua obra prima, Principia (Newton, 2012, 2016). Essa racionalidade da criação divina e o desenvolvimento da nossa racionalidade para compreender racionalmente o Universo criado foi o eixo norteador do método científico de Allan Kardec para organizar, sistematizar, refletir e argumentar toda a codificação espírita.

5. O pensamento filosófico de Leibniz<sup>19</sup> nos diz de algo que está para além da natureza física (extensão, movimento; geométrico, mecânico) e que, portanto, é de natureza metafísica, uma ‘força’ de onde derivam e/ou que propulsiona a natureza física. Com isso, ele remonta ao conceito de ‘enteléquia’ ou ‘mônada’ – substância simples e única que me remete ao conceito de *hólon*: substância completa, inteira em si mesma (significando um ‘todo’) e, ao mesmo tempo, parte constitutiva (unidade) de um sistema (um ‘todo maior’). Analogamente, tal conceito leibniziano mostra relação com o conceito junguiano de *Self*: o ‘todo’ que somos, enquanto Espírito, e ao mesmo tempo parte constitutiva do ‘todo maior’, universal e divino. Tal percepção nos leva à reflexão de que somos um microcosmos – ou ‘o universo numa casca de noz’, teoria proposta pelo físico Stephen Hawking – e que pode ser traduzida em linguagem espiritualizada, mas ainda mantendo a relação holonômica e/ou monadista, como ‘Deus está dentro de nós’ (Jo 14, 17) ou “o Pai e eu somos um” (Jo 10, 30). Para Leibniz, Deus seria a mônada primitiva e nós seríamos mônadas imperfeitas e eternas organizadas na matéria por uma ‘enteléquia’; a essa definição ele nominou de alma ou Espírito. E a base racional cristã da Doutrina Espírita apresenta o mesmo entendimento: somos por Deus criados Espíritos simples, ignorantes e eternos e que nos organizamos na matéria (corpo orgânico). Essas premissas do pensamento leibniziano se assemelham à ideia da pré-existência do Espírito e, consequentemente, a sua sobrevivência em relação à vida corpórea.

<sup>18</sup> Isaac Newton, encarnou no ano 1642 e desencarnou no ano 1727 da Era Cristã.

<sup>19</sup> Gottfried Wilhelm Leibniz, encarnou no ano 1646 e desencarnou no ano 1716 da Era Cristã.

Leibniz discorre ainda dos conceitos de espaço e tempo nos dizendo que ambos não são fenômenos concretos, mas que emergem das relações e das sucessões (a infinitude) das coisas, respectivamente. Tal reflexão fora comprovada posteriormente pelo físico Albert Einstein em sua Teoria da Relatividade Geral, mas precedida pelos Espíritos desencarnados que contribuíram para a codificação da Doutrina Espírita (Kardec, 2007a).

Em sua obra *Ensaio de Teodicéia* (Leibniz, 2013), Leibniz reflete sobre a questão do mal (em um Universo criado e coordenado por Deus) e nos apresenta três tipos de mal: o metafísico, o moral e o físico. O primeiro está relacionado com nossa finitude física (corpórea), o segundo tem a ver com nosso livre arbítrio e o terceiro nos serviria como um cadinho depurador. E os três apresentam relações entre si que nos remetem a algumas máximas cristãs e espíritas, como por exemplo: devido a nossa incompreensão de que somos Espíritos eternos e a uma percepção limitada que nossa vida se dá apenas entre a temporalidade 'berço-túmulos' (a finitude) muitas vezes (ou quase sempre) fazemos mal uso de nosso livre arbítrio, nos valendo de opções egoícas e que acarretam muitos males coletivos. Nesse sentido, múltiplas encarnações nos valem como provas e/ou expiações dos males, individuais e coletivos – o tal cadinho depurador de nossa moralidade.

Outros dois conceitos presentes na obra do filósofo alemão são essência (aquilo que se é) e existência (a realidade, o existir da coisa que se é). Nesse sentido, para ele, Deus é o único ser em que essência e existência coexistem. E é através d'Ele que as essências são possíveis (nós, por exemplo), cada qual com seus sistemas e diversidades. Tal pensamento me remete à prerrogativa espírita da habitabilidade dos mundos pelo Universo (Kardec, 2007a).

6. O pensamento de Spinoza<sup>20</sup> apresenta Deus como eixo fundamental e enquanto substância: "[...] aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido [...]" (Spinoza, 2009, p. 12). E todas as outras coisas e seres existem em Deus e, no sentido inverso, nenhum ser ou algo pode não ser concebido sem Deus, pois encontram-se na (permeados pela) substância. O pensamento spinozista reforça Deus como Criador (onipresente, onipotente e onisciente) do Universo, indo ao encontro das máximas "o Pai e eu somos um" (Jo 10, 30) e 'Deus está dentro de nós' (Jo 14, 17).

Indo além, o Deus de Spinoza não apresenta nenhum antropomorfismo e por ser substância infinita expressa sua essência por infinitas formas e maneiras: os 'atributos' – que também, obviamente, são eternos e imutáveis. Para além, Spinoza apresenta o conceito de 'modos', "[...] as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual também é concebido" (SPINOZA, 2009, p. 12). As pessoas humanas conhecem dois desses atributos – o pensamento e a

<sup>20</sup> Baruch Spinoza, encarnou no ano 1632 e desencarnou no ano 1677 da Era Cristã.

extensão, sendo que nossos corpos físicos (o corpo humano) e pensamentos são ‘modos’ dos atributos infinitos (divinos) ‘extensão’ e ‘pensamento’, respectivamente. A explicação racional dá-se pela seguinte lógica: a substância (Deus) apresenta atributos infinitos que se manifestam pelos modos infinitos, que funcionam como intermediários para os modos finitos. Para Spinoza, o ser humano é uma unidade corpo-alma. Lembrando que o Espírito se manifesta pelo pensamento, incluindo aí seu desejo, por necessidade de progressão, por um determinado corpo. Com isso, se vale de um ‘corpo intermediário’ ao qual a Doutrina Espírita denomina de perispírito – e que a Ciência Espírita nomina por modelo organizador biológico (Andrade, 2002; Zimmermann, 2017).

Spinoza aponta três graus em relação ao conhecimento: opinião e imaginação (ao nível das sensações percebidas); racional (próprio das ciências); e o intuitivo (visão do que procede de Deus). Na concepção cristã, aprofundada pelo Espiritismo, a intuição é a manifestação intelectual do Espírito que encontra-se encarnado. Ou, dito de modo spinosista, a intuição seria um modo infinito (portanto intermediário, pois do Espírito vinculado à matéria física) de representação de um atributo infinito (o pensamento, divino) e que pode ser representado por ideias (modo finito).

Eticamente, Spinoza diz que as paixões devem ser compreendidas, e não censuradas. Tal fala vai ao encontro do conceito junguiano (proposto na Psicologia Analítica) de integração da sombra, quer dizer, dos nossos conteúdos inconscientes dos quais procuramos evitar/fugir. E o conjunto dessas reflexões ao longo do tempo é dado o nome de processo de individuação – autodescobrimento ou sentido da vida, conforme a Psicologia Espírita.

7. Para Pascal<sup>21</sup> a razão e a experiência levam ao progresso. Tal tese corrobora os princípios metodológicos da Ciência Espírita (lembrando que a Doutrina Espírita se sustenta no tripé Ciência, Filosofia e Moral Cristã): a razão, valendo-nos de uma fé raciocinada, com argumentos lógicos e em conformidade com os avanços da Ciência Acadêmica; e a experiência, por meio de dados comprobatórios; sem perder de vista a unidade – de correlação e interdependência – entre razão e experiência: uma retroalimentando a outra. Retomando o pensamento do filósofo francês, a razão pode proporcionar progressos desde que a pessoa humana evite as paixões, pois estas ofuscam nossa intuição; por isso temos de estar vigilantes aos nossos pensamentos. Interessante que, segundo o Espiritismo, a intuição é o próprio Espírito que somos manifestando-se; e quanto mais nos fixamos ao mundo material, das paixões mundanas, mais perdemos essa conexão com a espiritualidade, dificultando (e até mesmo impedindo) de ouvir nossa ‘voz profunda’. Uma boa síntese dessa temática é a máxima ‘vigiai e orai’ (Mt, 26, 41 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1216), pois as leis de Deus encontram-se escritas na consciência (resposta à questão 621 de O

<sup>21</sup> Blaise Pascal, encarnou no ano 1623 e desencarnou no ano 1662 da Era Cristã.



Livro dos Espíritos – Kardec, 2021b). Para Pascal, “Submissão e uso da razão, eis em que consiste o cristianismo” (Pascal, 1984, p. 106), ou, a concepção espiritista de fé raciocinada – ser cristão é ser moral, consciente de si e dos outros:

Sereis fiel, honesto, humilde, reconhecido, bom, amigo sincero, verdadeiro. Em verdade, não ficareis com os prazeres empestados, com a glória, com as delícias; mas não tereis outras coisas? Digo que com isso ganhareis nesta vida, e que, em cada passo que derdes nesse caminho, vereis tanta certeza no ganho, e tanta nulidade naquilo que arriscaríeis, que reconheceríeis, por fim, que apostastes numa coisa certa, infinita, pela qual nada destes. (Pascal, 1984, p. 97).

E Pascal comprova a existência de Deus por meio da existência terrena de Jesus Cristo, o exemplo de como devemos viver as leis de Deus, de exercer a fé raciocinada. E como tais leis já encontram-se inscritas em nossa consciência, temos de ter ‘olhos de ver e ouvidos de ouvir’ (Mt, 13, 13-17). Por seu exemplo, material e nas mesmas condições terrenas que nós, que Jesus de Nazaré é considerado pelas religiões cristãs e pela Doutrina Espírita como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6).

8. Descartes<sup>22</sup> em sua obra Discurso do Método (Descartes, 1996), indica que os termos mente, alma, espírito e razão podem ser compreendidos como sinônimos. E ele tem razão desde o ponto de vista do senso comum (a *doxa*), passando pelas ciências tradicionais, até algumas doutrinas espiritualistas. Segundo o Espiritismo, o Espírito é o ser que somos (nosso eu eterno – tratado na Psicologia Analítica por *Self*), que enquanto encarnado é denominado por alma, que se manifesta pelo atributo da mente. Por fim, a razão diz que a pessoa humana difere dos outros seres por ter a consciência de si, quer dizer, tem a possibilidade potencial de compreender tudo isso.

O fundamento basilar da filosofia cartesiana é que a pessoa humana tem uma única certeza: a de duvidar. Nesse sentido, se eu duvido, eu penso; se eu penso, eu existo. Daí surge a sua ‘marca’ – ‘penso, logo existo’. Interessante este raciocínio dedutivo, pois reforça o pensamento como fundamento da existência. Dito de outro modo, o pensamento como essência – que é própria do Espírito, ser pensante (ideia do livre arbítrio). O segundo fundamento cartesiano é a existência de Deus que, por ser o Ser perfeito que cria a nós, os seres imperfeitos (o contrário não seria possível).

No livro Meditações Filosóficas (Descartes, 1983b), ele diz que a morte é determinada por fatores fisiológicos/orgânicos (físicos) que são independentes da sobrevivência da alma:

[...] é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser e existir sem ele. (p. 134).

[...] não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. (p. 136).

<sup>22</sup> René Descartes, encarnou no ano 1596 e desencarnou no ano 1650 da Era Cristã.

Interessante que, para além do Espírito e do corpo, esse trecho apresenta a ideia do ser humano composto também pelo perispírito (“[...] estreitamente conjugada e unida [...]”). E Descartes prossegue, uma vez mais apresentando um conhecimento que, posteriormente (nas últimas décadas), vem sendo estudada pela Ciência Espírita – as ciências médicas, biológicas e da saúde com uma interpretação espiritualista e/ou espírita:

É necessário também saber que, embora a alma esteja unida a todo o corpo, não obstante há nele alguma parte em que ela exerce suas funções mais particularmente do que em todas as outras. [...] a parte do corpo em que a alma exerce imediatamente suas funções não é de modo algum o coração, nem o cérebro todo, mas somente a mais interior de suas partes, que é certa glândula muito pequena, situada no meio de sua substância, e de tal modo suspensa por cima do conduto por onde os espíritos de suas cavidades anteriores mantêm comunicação com os da posterior, que os menores movimentos que nela existem podem contribuir muito para modificar o curso desses espíritos, e, reciprocamente, as menores modificações que sobrevêm ao curso dos espíritos podem contribuir muito para alterar os movimentos dessa glândula. (Descartes, 1983a, p. 228 e 229).

Esta parte do corpo, específica do cérebro e muito pequena, sensível às mínimas alterações é a glândula pineal, considerada hoje em dia como o centro material/físico/biológico de manifestação do Espírito encarnado (López-Muñoz; Marín; Álamo, 2010; Lucchetti; Daher Jr; Iandoli Jr; Gonçalves; Lucchetti, 2013).

Em relação a ética, Descartes ressalta que apenas a razão pode suplantar as paixões. Em sua obra *As Paixões da Alma* (Descartes, 1983a) ele apresenta quatro regras morais que, de modo geral, versam a respeito da autorreforma (íntima/interior e consciente), do melhorar-se a si mesmo: máxima proferida dezesseis séculos antes, por Jesus (1Cor 11, 28 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1404), bem como por Carl Gustav Jung (processo de individuação; o numinar-se – Jung, 2013b) e Joanna de Ângelis (o autodescobrimento – Ângelis, 2021a, 2021b).

9. Na filosofia de Hobbes<sup>23</sup> o pensamento é fluido e, por isso, deve ser ‘decodificado’ (seus sinais) para a mente humana compreendê-lo. Nesse sentido, a concepção espiritista continua fazendo sentido: os pensamentos são fluidos, energia. Mas também são matéria (porque não?), contudo, em outro estado, diferente do visível e/ou palpável para nossas parcas limitações carnis/terrenas. Daí, o Universo ser energia; nós sermos energia; o pensamento ser a linguagem dos Espíritos; o pensamento ter ‘força’ para realizar tudo.

Em sua obra principal – *Leviatã* (Hobbes, 2003), Hobbes descreve 19 ‘leis de natureza’, que versam a respeito de uma conduta humana ética, pautada em valores morais e baseada na razão. De maneira geral, tais leis convergem para as leis mosaicas, ampliadas pelo Evangelho do Cristo e explicadas pormenorizadamente pelo Espiritismo: a busca pela Paz; ofertar ao outro o direito que ele gostaria que o outro lhe concedesse; o exercício da gratidão, do perdão e da humildade; e evitar a vingança, a crueldade, a injúria, o orgulho e a arrogância. Em síntese, praticar o máximo de bem possível e evitar o máximo de mal.

<sup>23</sup> Thomas Hobbes, encarnou no ano 1588 e desencarnou no ano 1679 da Era Cristã.

10. Para Bruno<sup>24</sup>, todo o Universo se constituiu a partir d'O princípio dos princípios – Deus. Com isso, o Universo é infinito, pois é efeito da Causa infinita. Nesse sentido, o filósofo italiano reforça a infinitude da vida (“[...] todas as coisas se transformam, nada se aniquila” – Bruno, 2010, p. 7) e do Universo (“[...] o Universo infinito é um, como um contínuo e composto de regiões e mundos etéreos e os mundos são infinitos e sua existência deve ser admitida em diversas regiões dele [...]” – Bruno, 2007, p. 122); respectivamente, a reencarnação (Jo 3, 3-8) e a pluralidade dos mundos habitáveis (“Existem muitas moradas na casa de meu Pai” – Jo 14, 2 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1312).

11. Por fim, o pensamento filosófico de Montaigne<sup>25</sup> se baseia na reflexão filosófica ‘conhece-te a ti mesmo’, aventada ao longo dos tempos, por Sócrates, Santo Agostinho e a Espiritualidade superior que codificou a Doutrina Espírita (incluindo os filósofos imediatamente citados). A partir da máxima, cada um de nós teria condições de refletir sobre sua própria existência, as projeções que faz no outro (de seus acertos e erros, expectativas e frustrações) e, com isso, adquirir a capacidade de melhor nos aceitar para melhorarmos-nos. Tais perspectivas são as mesmas explicadas em detalhes, mais de três séculos depois, pela Psicologia Analítica (a descoberta do si-mesmo, a integração de nossa sombra e o processo de individuação). Outro ponto interessante é que “Conhecendo a si mesmo o homem também regressa a si, o que é um dos princípios do renascimento” (Silva, 2020e, p. 3). Renascimento aqui que não deixa de explicar, do ponto de vista psicológico e psicanalítico, a reencarnação: se nos conhecendo cada vez mais podemos nos melhorar, então, o constante entrar e sair da carne, enquanto conjunto de distintas experiências, nada mais é que oportunidades para tornarmos-nos melhores. E tal axioma nos aponta o sentido da vida, das existências múltiplas.

No pensamento filosófico medieval (séculos IV ao XIII) destacam-se três filósofos cujas elucubrações corroboram os ensinamentos de Jesus e de seus colaboradores espirituais. Laconicamente, vamos a eles:

1. O pensamento de Aquino<sup>26</sup> nos apresenta uma concepção racionalista para a fé, porém, ainda não como o Espiritismo (comunhão entre fé e razão), mas a racionalidade a serviço da fé. Para Tomás de Aquino o ser humano se constitui de corpo e alma, esta tendo a capacidade intelectual e aquele o invólucro material.

A compreensão tomista de Deus pressupõe o entendimento aristotélico dos conceitos de essência e potência: para ele, somente em Deus ambas coexistem. Todos nós, portanto, somos o que somos em potência e, necessitamos do corpo, da vida na matéria, para sermos (em ato). O Espiritismo nos apresenta a mesma concepção, aproximadamente sete séculos depois: o Espírito é a essência do ser humano e, ao mesmo tempo, potência de ser, e que será (existência), pois exercitará na carne.

<sup>24</sup> Giordano Bruno, encarnou no ano 1548 e desencarnou no ano 1600 da Era Cristã.

<sup>25</sup> Michel de Montaigne, encarnou no ano 1533 e desencarnou no ano 1592 da Era Cristã.

<sup>26</sup> Tomás de Aquino, encarnou no ano 1225 e desencarnou no ano 1274 da Era Cristã.

Tomás buscou comprovar Deus pela razão, ofertando-nos cinco vias: movimento; causa eficiente; relação contingente e necessária; graus de perfeição; causa final. As três primeiras dizem que tudo no Universo é movimento e apresenta uma causa, algo que o faça existir; nesse sentido, em uma regressão quase infinita chegaremos na necessidade de haver uma causa incausada, um necessário absoluto, que é Deus. A quarta via refere-se a uma escala hierárquica em relação às qualidades positivas (as perfeições) donde a verdade e o bem absolutos estariam em Deus. Por fim, a quinta via, da causa final, diz da finitude da matéria que, portanto, não seria a fonte da inteligência. No mesmo processo racional indutivo chegamos a Deus como a inteligência primeira. Entendimento similar ao cristão e espiritista de Deus enquanto ente onisciente, onipotente e onipresente – questões primeira e quarta de O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b, p.73 e 74), respectivamente: “**1. Que é Deus?**” “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”; “**4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?**” “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”.

Para São Tomás de Aquino, a origem do mal encontra-se no livre arbítrio que a pessoa humana tem de não fazer o bem. Desta forma, o problema moral não é orgânico/biológico/instintivo (‘a carne é fraca’), pelo contrário, o é do Espírito, que faz uso do corpo para pecar (ou que peca na/pela carne). Assim, se temos a opção de não fazer o mal somos em essência como Deus; não somos Ele – o sumo bem (o Amor) – mas criados por Ele e, portanto, com a capacidade inata de fazer o bem. Então porque existe o mal? Porque ainda não adquirimos total consciência de nós mesmos e dos outros: o si-mesmo, o Deus que habita em nossa consciência; e habita na consciência de toda pessoa humana, portanto, em Deus somos irmãos (filhos do mesmo Criador). Avançando nessa reflexão filosófica, então porque Deus não nos impede de praticar o mal, impelindo-nos ao bem? Pois que o ser humano não pode avançar a mais nas questões morais enquanto sua inteligência não for capaz, assim como nos ofertou a espiritualidade amiga em resposta à Kardec (2021b, p. 448 – questão 791), “[...] quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode surgir antes da flor”. Ou ainda (Kardec, 2021b, p. 440):

**780. O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?**

“Decorre deste, mas nem sempre o segue *imediatamente*”.

**a) Como pode o progresso intelectual engendrar progresso moral?**

“Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos”.

2. Para Abelardo<sup>27</sup> a filosofia é mediadora entre a fé e a razão ou, dito de outro modo, para crer temos de compreender. Essa mediação da fé pelo raciocínio (a fé raciocinada) é princípio fundante do Espiritismo: a Filosofia e a Ciência Espíritas.

A respeito da ética, o filósofo francês compreende que o pecado “[...] não é em si a ação física, mas o elemento psicológico dessa ação, ou seja, o pecado é a intenção de pecar e não a ação” (Silva, 2020d, p. 15). Ou seja, uma vez mais, uma máxima filosófica corroborando uma explicação espiritista: o mal é de ordem psíquica; para fazer o mal basta pensar nele, devido ao pensamento ser a linguagem/manifestação precípua dos Espíritos (que somos).

Abelardo diz que ninguém é um gênero e/ou uma espécie, somos simplesmente indivíduos. Obviamente que ele refletiu sobre a pessoa humana, contudo, me permito transpor essa reflexão para os Espíritos que, igualmente, não devem ser antropomorfizados, pois não são criados segundo espécies, gêneros, raças ou outra classificação – “O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade” (Kardec, 2021b, p. 177 – resposta à questão 207):

36. Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade. (Kardec, 2007a, p. 52).

3. Por fim, o pensamento filosófico de Santo Agostinho<sup>28</sup>, apresenta muita convergência com a doutrina espírita, a exemplo da concepção platônica de dois mundos, que ele adaptou: o mundo sensível (material) e o das ideias divinas (espiritual), onde o segundo seria o ideal. A partir do pensamento anterior tem-se o entendimento do Espírito (alma) como o ente mais importante/relevante que o corpo físico, pois o coordena servindo-se do mesmo para sua existência material no mundo sensível. Nesse sentido, a essência humana (a alma ou Espírito) é imagem e semelhança de Deus e, portanto, para compreendermos Deus devemos conhecermos a nós mesmos. Esse processo de autodescoberta, autoencontro se dá pelo caminho seguro – Jesus Cristo, o mestre de nosso interior.

Até aqui, pode-se observar que a filosofia agostiniana já continha as ideias de imortalidade do Espírito, pluralidade das existências (encarnações), hierarquia dos planos espirituais superiores e o propósito da vida, experienciada em múltiplas encarnações: melhorarmos-nos por meio dos ensinamentos morais do Homem de Nazaré em busca do encontro numinoso com Deus. E todo esse processo fora

<sup>27</sup> Pedro Abelardo, encarnou no ano 1079 e desencarnou no ano 1142 da Era Cristã.

<sup>28</sup> Aurélio Agostinho de Hipona, encarnou no ano 354 e desencarnou no ano 430 da Era Cristã.

explicado pela Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, como a nossa busca pelo si-mesmo (individação); e a Psicologia Espírita, de Joanna de Ângelis, promove a coesão dessa explicação psicológica com o Evangelho de Jesus, propondo uma reflexão terapêutica. Desta feita, percebemos que foi com Santo Agostinho que surge de maneira sistematizada a Filosofia Cristã, uma postura racional, intelectiva e reflexiva de analisar as questões relativas à fé. Para ele, razão e fé se complementam e fortalecem-se mutuamente.

Agostinho também reflexiona em sua proposta filosófica sobre o mal, dizendo que o mesmo é consequência do mau uso que fazemos do nosso livre arbítrio, ou seja, de maior ou menor consciência moral. O pensamento do filósofo argelino diz de três níveis do mal. O primeiro nível – o mal metafísico – diz que o mesmo não é parte constitutiva do Universo (cosmos), pois este é criado por Deus (o Sumo Bem), portanto, ele se refere à inferioridade humana. O segundo nível – o mal moral – se refere às nossas más escolhas e nossa má vontade que nos leva a pecar, quer dizer, fazer mau uso da nossa capacidade (divina) de praticar o bem: “As boas ações são obras e dons teus, as más são culpa minha [...]” (Agostinho, 2023, p. 268). O terceiro nível – o mal físico – e que conhecemos muito bem (pelas enfermidades orgânicas e psíquicas) são consequência (expições) do mal moral.

Em seu livro Cidade de Deus (AGUSTÍN, s/d, p. 418), o Bispo de Hipona apresenta a cidade de Deus, de caráter espiritual, e a cidade dos homens (de cunho material):

De la calidad de las dos ciudades, terrena y celestial Así que dos amores fundaron dos ciudades; es a saber: la terrena, el amor propio, hasta llegar a menospreciar a Dios, y la celestial, el amor a Dios, hasta llegar al desprecio de sí propio. La primera puso su gloria en sí misma, y la segunda, en el Señor; porque la una busca el honor y gloria de los hombres, y la otra, estima por suma gloria a Dios [...].

O interessante é que, assim como nos ensinou o Nazareno ‘médium de Deus’ – primeiramente através de seus apóstolos pelos Evangelhos e, posteriormente pelos Espíritos de escol que ditaram a Doutrina Espírita –, para Santo Agostinho ambas as cidades mantinham relações de complementaridade. Relações que podem ser extrapoladas para os níveis intra e extra carnal, entre os mundos habitados, entre as múltiplas existências de uma vida eterna, entre o Ego (centro da consciência humana) e o *Self* (centro de nossa totalidade psíquica).

No pensamento filosófico da antiguidade, realçarei dois filósofos – um do século I e outro do século III – cujas ponderações filosóficas convergem para os ensinamentos ofertados pelas doutrinas cristã e espírita. Sumariamente, vamos a eles:

1. As ideias de Plotino<sup>29</sup> constituem uma síntese do Espiritismo. Para ele, Deus é o Uno: o bem absoluto; a unidade de tudo; a potência infinita (autocriado) e, por isso, a fonte de todas as coisas. Além de Deus, Plotino dizia de outras duas

<sup>29</sup> Plotino, encarnou no ano 205 e desencarnou no ano 270 da Era Cristã.

hipóstases: o Espírito (ou *Nous* – na língua portuguesa, algo similar ao intelecto, à razão: inteligência) e a Alma. Plotino assevera que o Espírito pode ser compreendido como o ser que se é, o seu pensamento e seu próprio viver, sendo que o pensamento e o viver são suas atividades existenciais. E não é exatamente isso que nos explica a Doutrina Espírita? O Espírito é o ser único/individual criado por Deus e que vive pela atividade do pensar (Kardec, 2021b). Ainda segundo o filósofo egípcio da antiguidade, para o Espírito produzir e agir no mundo deve tornar-se Alma. Esse ‘criar na matéria’, no mundo material, requer que o Espírito ‘materialize-se’, ou seja, adquira características mundanas – tem-se aí o conceito de encarnação: de acordo com Kardec (2021b), o Espírito encarnado é a alma e, enquanto tal, pode experimentar todas as possibilidades da vida humana.

Um outro conceito que Plotino apresenta em sua filosofia é o de individuação que, conforme Jung (2013b, 2014, 2015), seria o processo de integração dos nossos conteúdos inconscientes à consciência, o estabelecimento de uma relação do eu com o inconsciente, objetivando a realização do tornar-se si-mesmo; e que Plotino denominou de *henosis*: o processo de re-união iluminativa com o Uno.

2. Por fim, o pensamento filosófico de Sêneca<sup>30</sup>, assim como o de Plotino, também nos apresenta um tratado de Espiritismo, pois diz de Deus, da criação do Espírito e sua relação com o corpo (encarnação), da consciência, do livre arbítrio, do bem e do mal, da moral evangélica e do caminho no bem.

Segundo Sêneca, Deus constitui todas as coisas, inclusive os Espíritos, criados de igual modo por Deus (Kardec, 2021b – resposta à questão 115). Para ele, o Espírito é o nosso verdadeiro eu que encontra-se preso ao corpo material para viver o melhor possível, segundo a sua consciência, para tornar a ser livre (da matéria), elevando-se.

Para ele, a consciência pode ser compreendida como potência moral do próprio ser (Espírito), pois por meio dela temos a condição de distinguir o bem e o mal. Para o Espiritismo, é na consciência onde estão escritas as leis de Deus (Kardec, 2021b – resposta à questão 621), o nosso ‘livre arbítrio em potência’.

Ainda conforme o filósofo espanhol da antiguidade, enquanto humanos – Espíritos vinculados a um corpo material – somos imperfeitos e, por isso, todos vamos cometer erros.

Em relação ao que hoje conhecemos por moral evangélica e a via do bem viver, Sêneca já refletia a respeito da convivência fraternal como fundamento da vida em sociedade: “Comporta-te com os inferiores como gostarias que se comportassem contigo aqueles que te são superiores” (Mt 7, 12); “A natureza nos produz como irmãos, gerando-nos dos mesmos elementos e destinando-nos aos mesmos fins” (Mt, 23, 8 – Bíblia Sagrada, 1990, p. 1211; Kardec, 2021b, item 54).

<sup>30</sup> Lúcio Aneu Sêneca, encarnou no ano quarto antes da encarnação de Jesus Cristo e desencarnou no ano 65 da Era Cristã.

## Da Era Cristã (Século primeiro) aos pré-socráticos.

Mantendo o princípio de retroceder na temporalidade histórica da humanidade, continuarei os estudos pelos séculos que antecederam a encarnação de Jesus no Planeta Terra, mais precisamente o período entre os séculos dois e oitavo. Avançarei até o século VIII antes de Cristo por ocasião do período arcaico (quando da existência dos pré-socráticos), época considerada pela tradição filosófica ocidental como o nascimento da Filosofia no ocidente (Aranha; Martins, 2003; Pereira, 2022; Silva, 2020a). Para esse momento histórico vou me ater à contribuição metafísica daqueles que foram considerados os primeiros filósofos ocidentais e como suas reflexões já anunciavam as máximas do Evangelho de Jesus e, conseqüentemente, da Doutrina Espírita. No Quadro 3, abaixo, tem-se uma síntese do que acabei de enunciar:

Quadro 3 – Relação entre alguns outros períodos temporais da história humana e filósofos que apresentaram ideias concernentes às do Cristo Jesus e, conseqüentemente, do Espiritismo.

PERÍODO FILOSÓFICO	SÉCULO (anterior à Era Cristã)	FILOSÓFO
Arcaico	VIII, VII e VI	Pré-socráticos.
Clássico	V e IV	Sócrates, Platão e Aristóteles.
Helênico	III e II	Os Estoicos e Epicuro.

No pensamento filosófico helênico, dos séculos II e III antes de Cristo, pode ser destacada uma escola filosófica, o Estoicismo, mais que um ou outro filósofo, individualmente. Os estoicos<sup>31</sup> (dentre eles, Crisipo de Solos<sup>32</sup>, Cleantes de Assos<sup>33</sup> e Zenão de Cítio<sup>34</sup> – da antiga Estoá) também apresentavam pensamentos e reflexões cujas premissas filosóficas prenunciavam as bases dos ensinamentos do Cristo – base constitutiva da doutrina espírita.

Para os estoicos, o ser é o seu corpo físico (o organismo biológico) e o universal é o pensamento. Guardadas algumas diferenças e proporções epistêmicas, tal ideia é similar ao transmitido pela Doutrina Espírita: o ser humano é o somatório Espírito, perispírito e corpo físico; e, para além da carne (o ‘ser’ dos estoicos) – antes e após a encarnação – tem-se o ‘universal’ (o eterno, incorpóreo), que se realiza pelo/no pensamento – o Espírito.

<sup>31</sup> Palavra derivada do vocábulo ‘estoa’ – em grego: Στοά – que significa pórtico: um elemento arquitetônico muito utilizado na Grécia Antiga; um corredor coberto que fica à entrada de uma edificação e, normalmente, destinado ao uso público.

<sup>32</sup> Crisipo de Solos, encarnou no ano 280 e desencarnou no ano 208 antes da encarnação de Jesus Cristo.

<sup>33</sup> Cleantes de Assos, encarnou no ano 330 e desencarnou no ano 230 antes da encarnação de Jesus Cristo.

<sup>34</sup> Zenão de Cítio, encarnou no ano 333 e desencarnou no ano 263 antes da encarnação de Jesus Cristo.



O Universo, por ser pensamento – ou *Logos* – foi considerado por eles como a fonte original de tudo e, por isso, foi associada a Deus. De igual modo no Espiritismo, Deus (a razão suprema; o *Logos* absoluto) é compreendido como inteligência cósmica universal ou o princípio inteligente do Universo. A partir dessa premissa os estoicos diziam que o *Logos* universal se manifesta, em particular, em nosso ser – daí a ideia de alma humana, pois para os estoicos a alma era *pneuma* (tirada do *pneuma* cósmico). E não é isso que também nos assevera a espiritualidade superior quando da codificação espiritista? Somos Espíritos criados por Deus e, portanto, Ele habita em nós: conceito do *Self* Junguiano.

Nesse sentido, para os estoicos, liberdade é aproximarmo-nos do *Logos*, ou seja, ser livre é exercer o livre arbítrio com a intenção de ser cada vez melhor (praticar cada vez mais o bem) e, com isso, aproximando-nos de Deus – uma máxima Cristã e, portanto, espiritista, decantada séculos antes. A última geração de estoicos se valia de cânones religiosos que se assemelhavam às máximas cristãs, tais como: somos todos irmãos e filhos de Deus; a necessidade do amor ao próximo – o ápice da caridade e do perdão sem interessar a quem.

Já a filosofia helênica de Epicuro<sup>35</sup> compreendia, de acordo com Silva (2020b, p. 48), que os seres humanos deveriam buscar

[...] viver uma vida voltada para os simples prazeres (hedonismo), como beber quando se tem sede, comer quando se tem fome, aproveitar a presença dos amigos e familiares. Tudo com moderação. Estes prazeres seriam entendidos como a superação dos desejos estimulados em sociedade, como a busca por fama, riqueza e poder.

Tal assertiva vai ao encontro do Evangelho de Jesus e suas explicações aprofundadas pela Doutrina Espírita: buscar o e ser simples; cuidar de si mesmo; aprender e exercitar virtudes no convívio; e não se deixar levar pelas hipocrisias sociais/mundanas. Cabe ressaltar que Epicuro fora crítico do espiritualismo platônico e aristotélico, para ele “[...] ao contrário, não haveria nenhuma dimensão inteligível, pois a *phýsis* ou o elemento físico primordial constituía toda a realidade. Não haveria nada além da natureza que experimentamos pelos cinco sentidos; nada nos leva a crer em algo para além da natureza física” (Filho, 2009, p. 13). Ainda assim, mantenho meu objetivo de, independente da concepção filosófica, tentar identificar as máximas Cristãs nos mais distintos pensamentos e em diferentes períodos históricos.

Seguindo, em relação a ética, Epicuro nos diz que nossa alma sofre pelas experiências, pretéritas e futuras, enquanto o corpo sofre pelas experiências presentes. Esta afirmativa encontra eco no Espiritismo quando este explica a vida eterna do Espírito – constituída por relações de causa e efeito entre as múltiplas encarnações – e a vida encarnada do mesmo (experiências do/no presente). Uma vez mais, cabe contextualizar a concepção epicurista de espírito: “[...] a noção de Alma, aqui,

<sup>35</sup> Epicuro de Samos, encarnou no ano 341 e desencarnou no ano 271 antes da encarnação de Jesus Cristo.

não pode ser entendida como um princípio espiritual, não-físico, para o composto que forma o ser humano. É preciso entendê-la, então, como o princípio físico que mantém vivo o indivíduo humano, em sua unicidade corpórea” (Filho, 2009, p. 13).

A respeito da morte, Epicuro (2002, p. 29) nos assevera que “[...] o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos”. Tal ideia de morte também se encontra presente nas parábolas evangélicas e no Espiritismo como um momento, um sopro mesmo; uma passagem, um portal.

No pensamento filosófico clássico (séculos IV e V antes de Cristo) destacam-se três dos principais filósofos da história do ocidente (Sócrates, Platão e Aristóteles), cujas elucubrações corroboram os ensinamentos de Jesus e de seus colaboradores espirituais. Vamos a eles:

1. O pensamento de Aristóteles<sup>36</sup> nos apresenta sete graus de conhecimento, por ele dispostos em uma escala hierárquica, iniciando pela sensação (grau mínimo do conhecimento), passando pelas experiências da percepção, da imaginação, da memória, da linguagem e do raciocínio, até alcançar o grau máximo do conhecimento: a intuição. Para o filósofo grego, não havia superação ou substituição de um modo de pensamento pelo outro, mas um acúmulo progressivo de conhecimento variando do sensível à intuição – inteligência máxima, pois um ato de pensamento puro, direto e que se diferencia dos outros seis níveis por lidar com a realidade em si, isto é, a essência das coisas.

Interessante observar que, cerca de 22 séculos depois de Aristóteles ter legado tais explicações acerca do pensamento, a espiritualidade superior vem nos confirmar tais proposições por meio da Doutrina Espírita. Para a Ciência Espírita, há também uma escala progressiva do pensamento que vai do instinto à intuição, isto é, o instinto foi o pensamento ontem, o raciocínio lógico e a capacidade de abstração são o pensamento hoje, e a intuição será o pensamento amanhã. Segundo Joanna de Ângelis, a trajetória evolutiva do psiquismo se inicia nas experiências principais do princípio inteligente – perpassando pelos reinos mineral, vegetal e animal (por centenas de milhões de anos); transitando pelo reino hominal, em suas diferentes formas de expressão do pensamento – instinto e intelecto, livre arbítrio (por dezenas de milhões de anos); até alcançarmos a capacidade do pensamento intuitivo, no reino angelical. E, por esta razão que a intuição difere das outras formas de pensamento, como dissera Aristóteles. Allan Kardec deixou registrado outras duas considerações que corroboram Aristóteles: (a) não há substituição de uma forma por outra – “[...] o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades” (Kardec, 2021b, p. 106); (b) mas o que acontece é uma progressão com acumulação de experiências – “Essa transformação não seria súbita, mas gradual [...]” (Kardec, 2007a, p. 124).

<sup>36</sup> Aristóteles, encarnou no ano 384 e desencarnou no ano 322, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

A Aristóteles também é atribuída a gênese da Metafísica enquanto possibilidade de explicação da realidade sem distinção entre essência e existência. Para ele, a essência humana encontra-se no próprio ser e pode ser conhecida pelo pensamento. Tais assertivas do insigne filósofo grego estão contidas tanto na práxis de Jesus – Deus não está fora, mas dentro de nós: “O Pai e eu somos um” (Jo 10, 30) – quanto na Doutrina Espírita – o pensamento é a manifestação pura e direta da nossa essência divina, o Espírito eterno que somos. E consta ainda no referencial científico da Psicologia Espírita, a Psicologia Analítica, por meio da ideia do *Self* como a nossa essência divina e que alcançamos por esforço de melhoria moral no mundo/na vida real, material.

Allan Kardec valeu-se de procedimentos científicos análogos aos utilizados por Aristóteles para a codificação da Doutrina Espiritista: a observação dos fenômenos e o questionamento do ‘como’ (e não do ‘por quê’) das coisas. Ambos não estavam preocupados com a descrição pormenorizada dos fenômenos, e sim com a busca por respostas que levassem “[...] as causas e os princípios” fenomênicos (Aristóteles, 1984, p. 28). Neste sentido, encontramos mais um argumento que justificam os fundamentos filosófico e científico do Espiritismo, isto é, da Filosofia e da Ciência Espírita: Aristóteles, em sua Física nos apresenta os conceitos de potência e ato, bem como a relação entre eles (como a potência gera o ato: a potência é o ato ‘em latência’ ou ‘em germe’; o ato é a realização da potência). A partir daí, ele amplia o entendimento da dinâmica dos corpos em movimento para todo o Cosmos, criando a partir da Física a sua metafísica teológica: se a causa de um ato é sua potência, ao regredirmos nesta busca para encontrar uma causa primeira chegaríamos à causa incausada, o primeiro motor de tudo (imóvel, pois senão teria uma sua potência causal), de natureza divina que, para Aristóteles chamou de Ato Puro (ausência de potência) e de Primeiro Motor Imóvel. Mesmo sem ter tal intencionalidade, o filósofo grego lega à humanidade a sustentação científica do Espiritismo (Ciência Espírita): Ciência (Física) → movimento: potência ao ato → Ato Puro = Deus (Teologia).

Outro conceito decantado no Evangelho de Jesus e no Espiritismo, o livre arbítrio, fora aventado por Aristóteles em sua concepção de ética: a vontade orientada pela razão. Segundo Silva (2020b, p. 45), “ela é a sabedoria, o saber prático necessário, a chave da felicidade, para viver moderadamente. É a prudência que nos permite viver sem exageros e nem deficiências [...]”. Ou, conforme o próprio Aristóteles (1991, p. 123), [...] se deve preferir o meio-termo e não o excesso ou a falta, e que o meio-termo é determinado pelos ditames da reta razão [...]”. O livre arbítrio evangélico, espírita, enfim, Cristão, é uma mostra da fé racional, uma fé alicerçada na tríade Ciência, Filosofia e Moral do Cristo: “Eis aí por que a escolha não pode existir nem sem razão e intelecto, nem sem uma disposição moral [...]” (Aristóteles, 1991, p. 125).

2. Já as ideias de Platão<sup>37</sup> constituem um verdadeiro prenúncio do Evangelho de Jesus, que alicerça a Doutrina Espírita – inclusive, Platão fora um dos espíritos de escol que contribuíram na codificação espiritista, conforme já destaquei, anteriormente, neste trabalho. Para o eminente filósofo grego, havia dois mundos: o sensível e o das ideias. O mundo sensível diz dos sentidos e, portanto, das coisas (do material); aquilo que é mutável, aparente; que pertence à *doxa* (opinião). O mundo das ideias se remete àquilo que é invisível aos sentidos; aquilo que é uno, imutável, eterno, imperecível – o si mesmo (o Ser verdadeiro); que pertence à *episteme* (do intelecto puro). Conforme bem dito por Silva (2020b, p. 22), “o mundo sensível é uma sombra, uma cópia deformada ou imperfeita do mundo das ideias”. Ou, conforme o próprio Platão (2011, p. 96), “[...] de acordo com estes pressupostos, é absolutamente inevitável que este mundo seja uma imagem de algo”. Tais fundamentos filosóficos estão presentes na base da Doutrina Espírita que nos diz dos mundos (planos) dos Espíritos encarnados (por exemplo, o Planeta Terra) e o mundos dos Espíritos desencarnados (o plano espiritual), sendo aquele a sombra deste – me valendo aqui ao conceito de sombra proposto por Carl Gustav Jung. Jesus Cristo também nos relatou algo semelhante, concernente a mais de um mundo/plano: “Existem muitas moradas na casa de meu Pai” (Jo 14, 2).

Para Platão, os habitantes do mundo sensível – nós, os Espíritos encarnados na Terra – seríamos um não-Ser, trazendo a ideia Junguiana de nossos conteúdos sombrios e arquetípicos – relação entre o nosso não-Ser (o Ego) e o nosso Ser, o eu verdadeiro (o *Self*). Arquétipo, para Platão (2011, p. 94, nota de rodapé de número 64), foi a tradução encontrada para “*paradeigma*. No *Timeu*, as Ideias são tomadas na sua totalidade sob o conceito de “arquétipo”; este representa, pois, a soma de todas elas que serve de modelo inteligível de racionalidade para a criação”.

Como dito, a cosmologia de Platão, a nós legada no diálogo *Timeu* (Platão, 2011) nos apresenta as ideias basilares da fundamentação moral e filosófica cristã. Vamos a alguns outros exemplos:

- O Bem Supremo como objetivo final de todos os seres vivos: “Aquele que viver bem durante o tempo que lhe cabe, regressará à morada do astro que lhe está associado, para aí ter uma vida feliz e conforme” (p. 119). Aqui, podemos destacar: (a) ‘viver bem’ – no quesito da moralidade e da ética (conforme nos demonstrou Jesus); (b) ‘o tempo que lhe cabe’ – como a ideia da pluralidade das existências (as múltiplas encarnações); (c) ‘regressará à morada’ – ideia de estarmos na Terra e sermos do plano espiritual.

- Concepção de Espírito: “Depois de ter constituído o todo, dividiu-o em número de almas igual ao de astros e atribuiu uma a cada um. Fazendo-as embarcar como num carro, mostrou-lhes a natureza do universo e deu-lhes a conhecer as leis

<sup>37</sup> Platão, encarnou no ano 427 e desencarnou no ano 347, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

que lhes estavam destinadas, a saber: a primeira gênese seria estabelecida como idêntica para todas, de modo a que nenhuma fosse depreciada por ele” (p. 118). Destaco nesta passagem: (a) ‘uma alma para cada um’ – somos Espíritos (“[...] os seres inteligentes da criação” e “[...] as individualidades dos seres extracorpóreos [...]” – respectivamente, resposta e nota de Allan Kardec à questão 76 de O Livro dos Espíritos – Kardec, 2021b, p. 111); (b) ‘deu-lhes a conhecer as leis que lhes estavam destinadas’ – as leis de Deus encontram-se escritas em nossa consciência (resposta à questão 621 de O Livro dos Espíritos); (c) ‘a primeira gênese seria estabelecida como idêntica para todas’ – a constituição original de todos os Espíritos, por Deus, como simples e ignorantes (resposta à questão 115 de O Livro dos Espíritos).

- Intellecto/Racionalidade: noção que não somos o nosso corpo, somos um Espírito que está, provisoriamente, em um corpo; e, portanto, é esse Espírito (nós) que tem o atributo da intelectualidade – “[...] seria impossível que o intelecto se gerasse em algum lugar fora da alma” (p. 98). E, “[...] entre todos os seres, o único ao qual é adequado possuir intelecto é a alma [...]” (p. 126). A relação do intelecto com a eternidade da vida (em suas múltiplas encarnações) – “[...] seres dotados de intelecto que são eternamente” (p. 108). E a relação da progressão do Espírito (pluralidade das existências constituindo a eternidade da vida) – “[...] tal como na sua origem, a alma é primeiro gerada sem intelecto cada vez que é aprisionada num corpo mortal” (p. 122).

O mito da caverna enquanto uma alegoria que sintetiza o Espiritismo, de modo geral e, em especial, seu propósito que é conscientizar a todos por meio da fé raciocinada a buscar o Bem, melhorando-se – Platão (2017, p. 319):

— Meu caro Gláucôn, este quadro – prossegui eu – deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.

Já o Amor para Platão é o desejo “[...] daquilo que pode ser contemplado plenamente pelo intelecto e conhecido plenamente pela inteligência” (Silva, 2020b, p. 26). O Amor, enquanto essência do ser que somos, perpassa pela necessidade do amor ao belo, amor ao bem (ao ser bom), o amor ao saber, à verdade (Filosofia); isto é, pelo intermédio do Amor a nossa intelectualidade adquire conhecimento da verdade, da essência das coisas, de Deus: “— Para o seu amor pela sabedoria, para o conhecimento dos objectos com que entra em contacto, a espécie de companhias que procura, uma vez que é aparentada com o divino, o imortal e o eterno [...]” (Platão, 2017, p. 480).

Enfim, para Rodolfo Lopes – tradutor do grego para o português (de Portugal), dos diálogos platônicos *Timeu* e *Crítias* –, o notável filósofo grego, discípulo de Sócrates “Ao tornar teológica a sua filosofia natural, garante a possibilidade de cumprir o principal objectivo do diálogo: dar a conhecer o processo de constituição do mundo; ou seja, revelar aos homens aquilo que se situa na esfera do divino” (Platão, 2011, p. 28).

3. Por fim, o pensamento filosófico de Sócrates<sup>38</sup> se baseia na busca pela essência da pessoa humana por meio do autoconhecimento, intelectual e moral. Na visão socrática, de acordo com Silva (2020b, p. 18),

[...] se a essência do homem é a busca pela consciência de si, esse olhar para dentro de si através da atividade re-flexiva, descobrindo que na realidade ele é a sua alma, a **virtude** primordial do homem atua como a “cura da alma”, fazendo com que ela se realize da melhor forma possível. E como a alma é atividade cognoscitiva, a virtude será essencialmente a potencialização dessa atividade, ou seja, será a busca pelo conhecimento. [...] Uma vez que a alma é racional, ela alcança sua liberdade quando se livra de tudo que é irracional, ou seja, das paixões e dos instintos. Dessa forma, o homem se liberta o máximo possível das coisas que pertencem ao mundo externo e que alimentam suas paixões. Também a **felicidade** assume valência espiritual e se realiza quando na alma prevalece a ordem adquirida com a virtude.

Assim como Platão, Sócrates fora outro dos espíritos de escol que contribuiu na codificação doutrinária do Espiritismo – informação que também avengei anteriormente neste trabalho. E por isso mesmo, os princípios de sua filosofia vão ao encontro daquilo que é essencial da missão de Jesus e do Espiritismo no Planeta Terra: nos ensinar a conhecermo-nos a nós mesmos – “Vigie a si mesmo e ao ensinamento, e seja perseverante. Desse modo você salvará a si mesmo e aos seus ouvintes” (Ti 4, 16) – para que a partir do autoconhecimento, busquemos nossa própria melhoria – “Portanto, cada um examine a si mesmo [...]” (1Cor 11, 28). Esse processo é difícil, complexo e de longo prazo, exigindo-nos perseverança, auto vigília e auto responsabilização – “O que eu digo a vocês, digo a todos: Fiquem vigiando” (Mc, 13, 37; Mt, 26, 41). Neste sentido, aprenderemos a nos amar verdadeiramente e, com isso, amar o próximo, pois teremos a compreensão que todos são pessoas humanas como nós – “Ame ao seu próximo como a si mesmo” (Mt, 22, 39).

Allan Kardec também se baseou na metodologia filosófica socrática para elaborar a codificação do Espiritismo (todo o pentateuco e a coletânea da Revista Espírita, mas em especial O Livro dos Espíritos – Kardec, 2021b): a ironia, que, em síntese, se baseia em um encadeamento lógico de perguntas bem propostas; e a maiêutica, que a partir do diálogo consequente do jogo entre perguntas e respostas (e novas perguntas a partir das respostas) conduz à luz de novas ideias e conceitos. Com isso, tem-se assim, outros argumentos, conceituais e metodológicos, que atestam as bases filosófica, científica e moral do Espiritismo, bem como da figura de Jesus.

<sup>38</sup> Sócrates, encarnou no ano 470 e desencarnou no ano 399, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

No pensamento filosófico arcaico, séculos VI, VII e VIII antes de Cristo, podem ser destacados vários filósofos de diferentes escolas (jônica, itálica, eleata e plural). Os pré-socráticos, como ficaram conhecidos pelos historiadores da Filosofia, foram os primeiros filósofos do ocidente que organizaram racionalmente o pensamento de modo a buscar a compreensão das questões mais amplas e profundas a respeito da humanidade, do cosmos e do princípio de tudo. Esse princípio universal, a *Arché*, me remete ao princípio inteligente e ao fluído universal, relatados pela espiritualidade superior. Quer dizer, desde os primórdios há em nós a necessidade de compreender a dinâmica organizadora espiritual, isto é, Deus. Sendo assim, mesmo a setecentos anos antes da encarnação de Jesus e 2.550 anos antes da terceira revelação divina, por intermédio do Espiritismo, esses filósofos já revelavam por intuição e/ou por inspiração as premissas basilares ensinadas pelo Cristo Nazareno e reiteradas por seus colaboradores espirituais através da doutrina espiritista. Vamos a alguns deles:

Tales de Mileto<sup>39</sup> criou o conceito de princípio (das coisas; de tudo). Anaximandro de Mileto<sup>40</sup> nominou o conceito de princípio criado por Tales de *Arché* e ainda o classificou como algo indeterminado (*ápeiron*); esse, segundo Anaximandro, só poderia ser compreendido pelo intelecto (e não pelos sentidos). Neste ponto, consigo visualizar uma conexão com o Espiritismo e os ensinamentos do Cristo: podemos entender o *ápeiron*, o indeterminado, como o nosso inconsciente (o pessoal e, especialmente, o coletivo). E é no inconsciente que temos o divino em nós – o conceito Junguiano de *Self*, onde habita o Deus que há em nós (Jo 14, 17). E tal entendimento se dá pelo intelecto, pois essa é uma capacidade da psique, ou seja, o Espírito que somos que se manifesta pela intelectualidade. Daí a necessidade do autodescobrimento: para desvelarmos o indeterminado de Anaximandro e, com isso, o encontro com o (nosso) divino.

Para Pitágoras de Samos<sup>41</sup> viver era expiar e após estar purificado, pela aquisição de conhecimento científico, retornar para junto aos deuses. E esta é a ideia seminal da encarnação como expiação que purifica para a vida eterna; e tal processo nos exige a melhoria intelecto-moral.

Dizia-nos Heráclito de Éfeso<sup>42</sup>, “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (Fleck, 2025, p. 184); ou, conforme nos explicita Silva (2020b, p. 9), “[...] o universo está em constante mudança, tudo flui, tudo está em transformação constante”. E ele não estava correto? Basta refletirmos a respeito da compreensão da vida eterna e da pluralidade das existências, assim como, as relações (inclusive físicas) entre encarnados e desencarnados.

<sup>39</sup> Tales de Mileto, encarnou no ano 640 e desencarnou no ano 546, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

<sup>40</sup> Anaximandro de Mileto, encarnou no ano 610 e desencarnou no ano 547, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

<sup>41</sup> Pitágoras de Samos, encarnou no ano 570 e desencarnou no ano 490, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

<sup>42</sup> Heráclito de Éfeso, encarnou no ano 535 e desencarnou no ano 475, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

Parmênides de Eleia<sup>43</sup>, assim como Anaximandro de Mileto um século antes, também compreendia que a essência das coisas só poderia ser entendida pelo pensamento (intelecto). Em verdade, para Parmênides, “[...] pois o mesmo é pensar e ser” (fragmento 3 do poema Sobre a Natureza, de Parmênides – Santos, 2000, p. 79). E a Doutrina Espírita, uma vez mais, nos indica que o pensamento é a linguagem dos Espíritos. Portanto, enquanto estamos encarnados, para compreender Deus e a dinâmica da vida precisamos raciocinar, operar intelectualmente (pensar).

Para o filósofo de Eleata o Ser é: ingênito, indestrutível, indivisível, imóvel e completo – “[...] é tudo aquilo a que se pode chegar a partir do pensar” (Santos, 2000, p. 86); ou seja, “[...] sempre idêntico a si mesmo, imutável, eterno, imperecível, invisível aos nossos sentidos e visível apenas para o pensamento” (Silva, 2020b, p. 10). E o que é o Ser em Parmênides senão o Espírito sob a ótica de Jesus e do Espiritismo?

Anaxágoras<sup>44</sup>, similar a Heráclito, apontava que a Natureza é dinâmica (fluida, em transformação), pois composta pela agregação e desagregação de suas partículas componentes; e esta dinâmica seria regida por uma inteligência universal – a ideia de Deus.

---

<sup>43</sup> Parmênides de Eleia, encarnou no ano 510 e desencarnou no ano 470, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.

<sup>44</sup> Anaxágoras, encarnou no ano 499 e desencarnou no ano 428, anteriores à encarnação de Jesus Cristo.





## C A P Í T U L O   I I

# FILOSOFIA E ESPIRITISMO

O objetivo deste capítulo foi identificar alguns temas filosóficos que foram discutidos, refletidos e/ou problematizados à luz da espiritualidade superior. O propósito foi, em um primeiro momento, realizar uma definição sucinta das grandes áreas temáticas da Filosofia e, posteriormente, como tais temas são abordados pelo Espiritismo.

### Os grandes temas da Filosofia em todos os tempos.

Uma iniciação aos estudos filosóficos perpassa, inevitavelmente, pelas áreas temáticas da Filosofia – diferenciadas em quantidade e/ou nomenclatura conforme os mais diversos autores. No presente trabalho vou me valer da divisão em seis grandes áreas temáticas filosóficas: Epistemologia (Filosofia do Conhecimento); Estética (Filosofia da Arte); Ética (Filosofia da Moral); Lógica (Filosofia do Pensamento/Pensar Racional); Metafísica (Filosofia do Ser ou Ontologia); Política (Filosofia Política).

1. Epistemologia. Do grego, *episteme* remete-se à Ciência e *logos*, teoria, estudo. Daí tem-se que, para Abbagnano (2007, p. 22), “[...] a epistemologia é a doutrina do saber”. Já, segundo Aranha e Martins (2003, p. 425), a Epistemologia seria o “Estudo do conhecimento científico do ponto de vista crítico, isto é, do seu valor [...] teoria do conhecimento”. As autoras reforçam que a Epistemologia, enquanto Teoria do Conhecimento, “[...] é uma disciplina filosófica que investiga as condições do conhecimento verdadeiro” (Aranha; Martins, 2003, p. 118). Uma outra posição, distinta (podemos entender até contrária), é da filósofa Marilena Chauí, que diferencia Epistemologia da Teoria do Conhecimento: esta seria o “[...] estudo das diferentes modalidades de conhecimento humano [...]”, desde “[...] o conhecimento sensorial [...]”, passando pelo “[...] conhecimento intelectual [...]”, até a compreensão da “[...] diferença entre conhecimento científico e filosófico [...]”; enquanto aquela seria a “análise crítica das ciências [...]; avaliação dos métodos e dos resultados das ciências; compatibilidades e incompatibilidades entre as ciências; formas de relações entre as ciências, etc.” (Chauí, 2000, p. 66 e 67). Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, compreendem a Epistemologia para além da busca de uma verdade pautada nos conhecimentos adquiridos (passado e presente):

Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação [...] Seu problema central, e que define seu estatuto geral, consiste em estabelecer se o conhecimento poderá ser reduzido a um puro registro, pelo sujeito, dos dados já anteriormente organizados independentemente dele no mundo exterior, ou se o sujeito poderá intervir ativamente no conhecimento dos objetos. Em outras palavras, ela se interessa pelo problema do *crescimento* dos conhecimentos científicos. Por isso, podemos defini-la como a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva. (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 84).

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Epistemologia será o estudo – compreensão e reflexão – dos conhecimentos racionais, das múltiplas ciências.

2. Estética. Do grego, *aisthesis*, faculdade de sentir, e *aisthetikós* (de *aisthanesthai*), sentir, perceber. Três obras, de diferentes filósofos, apresentam conceitos similares para definir a Estética: para Abbagnano (2007, p. 367), “Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. [...] Esse substantivo significa propriamente “doutrina do conhecimento sensível””. Já Aranha e Martins (2003, p. 369) diz que “Sob o nome *estética* enquadrámos um ramo da filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que suscita nos seres humanos”. Segundo Japiassú e Marcondes (2008, p. 90), seria “[...] o estudo da sensação, “a ciência do belo”, referindo-se à empiria do gosto subjetivo, àquilo que agrada aos sentidos, mas elaborando uma ontologia do belo”. De modo geral, as três definições nos mostram a Estética enquanto ciência do belo. Conforme Abbagnano (2007, p. 367 e 368), “[...] a noção de “belo” é suficientemente ampla para qualificar qualquer obra de arte bem realizada, ainda que represente coisas ou pessoas que, por si mesmas, não poderiam ser chamadas de «belas» com base nos cânones correntes”. A partir de tal premissa é possível, ainda, estabelecer uma relação estreita e profunda do belo com a Arte: “A ligação da estética com a arte é ainda mais estreita se se considera que o objeto artístico é aquele que se oferece ao sentimento e à percepção. Por isso podemos compreender que, enquanto disciplina filosófica, a estética tenha também se voltado para as teorias da criação e percepção artísticas” (Aranha; Martins, 2003, p. 369). Abbagnano (2007, p. 370) apresenta uma concepção de arte como “[...] um encontro entre a natureza e o homem ou como um produto complexo em que a obra do homem se acrescenta à da natureza sem destruí-la”. Por fim, a filósofa brasileira, Marilena Chauí, nos apresenta uma definição de Estética que sintetiza o até aqui exposto: “estudo das formas de arte, do trabalho artístico; idéia de obra de arte e de criação; relação entre matéria e forma nas artes; relação entre arte e sociedade, arte e política, arte e ética” (Chauí, 2000, p. 67).

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Estética será o estudo, pelos vieses científico e filosófico, do belo e de sua máxima expressão, a Arte.

3. Ética. Do grego, *ethike* (de *ethikós*), que diz respeito aos costumes. Em alguma medida, os costumes podem ser compreendidos como as tradições, os valores, enfim, aos mais distintos modos de relações sociais – do como proceder em coletividade. Daí tem-se que, para Abbagnano (2007), a Ética é “Em geral, ciência da conduta” (p. 380), isto é, “[...] nela o bem não é definido com base na sua realidade ou perfeição, mas só como objeto da vontade humana ou das regras que a dirigem” (p. 383). Dito de outro modo, para Aranha e Martins (2003, p. 426), a Ética constitui “Parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral”. Ou seja, a Ética perpassa pela reflexão a respeito das virtudes (os valores morais) nas relações humanas, como por exemplo, “[...] da relação entre vontade e paixão, vontade e razão; finalidades e valores da ação moral; idéias de liberdade, responsabilidade, dever, obrigação, etc.” (Chauí, 2000, p. 67).

Diante de pessoas e coisas, estamos constantemente fazendo avaliações [...] quando lhes atribuímos uma qualidade que mobiliza nossa atração ou repulsa. [...] Mas o que são valores? Embora a temática dos valores seja tão antiga como a humanidade, só no século XIX surge a *teoria dos valores* ou *axiologia* (do grego *axios*, “valor”). A axiologia não se ocupa dos seres, mas das relações que se estabelecem entre os seres e o sujeito que os aprecia. Diante dos seres (sejam eles coisas inertes, seres vivos ou idéias) somos mobilizados pela nossa *afetividade*, somos *afetados* de alguma forma por eles [...] Portanto, algo possui valor quando não permite que permaneçamos indiferentes. (Aranha; Martins, 2003, p. 300).

A partir deste apanhado breve, é possível diferenciar os valores éticos dos valores morais, de acordo com Aranha e Martins (2003) e Japiassú e Marcondes (2008): a moral seria um conjunto de regras sociais, próprias de uma coletividade e/ou temporalidade, que possibilitam uma convivência pautada na justiça e no bem comum; enquanto a ética seria um campo de estudos (da Filosofia) preocupado em refletir a respeito dos fundamentos e das razões que levam a humanidade a querer constituir uma vida moral.

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Ética será o estudo reflexivo da moral, enquanto conduta humana mais adequada para o convívio social harmônico e justo.

4. Lógica. Do grego, *logos*, significando, palavra, expressão, pensamento, conceito, discurso ou razão, a depender do contexto de utilização. Enquanto seara de estudos, a Lógica configura-se como um “[...] importante instrumento para organizarmos nossas idéias de forma mais rigorosa, de maneira a não tirarmos conclusões inadequadas a partir de enunciados dados [...] trata-se de uma análise do pensamento nas suas partes integrantes” (Aranha; Martins, 2003, p. 100), tais como (Abbagnano, 2007; Chauí, 2000; Japiassú; Marcondes, 2008): o que venha a ser uma argumentação válida, composta por uma conclusão baseada em premissas elaboradas adequadamente – independente do conteúdo tratado; saber demonstrar se um argumento – científico ou não científico – é válido/verdadeiro (silogismo) ou inválido/não verdadeiro

(sofisma). A Lógica, bem como sua adequada utilização, pode ser compreendida por diferentes concepções, de acordo com Japiassú e Marcondes (2008): enquanto ciência do real – suas categorias e princípios “[...] refletiriam categorias e princípios ontológicos [...]” (p. 155); como ciência do pensamento – suas categorias e princípios “[...] refletiriam a estrutura e o modo de operar de nosso pensamento [...]” (p. 156); e ciência da linguagem – quais categorias e princípios “[...] utilizamos para a construção de sistemas formais, para operar com esses sistemas e para fundamentar sua validade” (p. 156).

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Lógica será o estudo com fins de avaliar e organizar informações para estruturar um pensamento racional e expressar com assertividade/verdade e compreender as mensagens recebidas.

#### 5. Metafísica. Segundo Aranha e Martins (2003, p. 124),

O termo *metafísica* surgiu no século I a.C., quando Andronico de Rodas, ao classificar as obras de Aristóteles, colocou a *filosofia primeira* depois das obras de Física: *meta física*, ou seja, “depois da física”. De qualquer forma, nada impediu que esse “depois”, puramente espacial, fosse considerado “além”, no sentido de tratar de assuntos que transcendem a física, que estão além dela porque ultrapassam as questões relativas ao conhecimento do mundo sensível.

Para Abbagnano (2007), enquanto “Ciência *primeira*, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros” (p. 660), a Metafísica pode ser considerada a “[...] ciência das ciências [...]” (p. 661). Ou ainda, “[...] como ponto de partida do sistema filosófico, tratando daquilo que é pressuposto por todas as outras partes do sistema, na medida em que examina os princípios e causas primeiras, e que se constitui como doutrina do ser em geral, e não de suas determinações particulares” (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 168). Ao longo da história, de acordo com Abbagnano (2007), a Metafísica foi definida sob três formas: Teologia, ou metafísica teológica – “[...] consiste em reconhecer como objeto [...] o ser mais elevado e perfeito, cio qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo” (p. 661); Ontologia, ou metafísica ontológica – “[...] estuda os caracteres fundamentais do ser: os que todo ser tem e não pode deixar de ter” (p. 662); e Gnosiologia, ou metafísica gnosiológica – “[...] uma ciência que abarque os conhecimentos que podem ser obtidos independentemente da experiência, com base nas estruturas racionais da mente humana” (p. 665). Em síntese, a Metafísica pode ser compreendida como uma “Parte da filosofia que estuda o “ser enquanto ser”, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares; estudo do ser absoluto e dos primeiros princípios” (Aranha; Martins, 2003, p. 427), tendo por base a compreensão e a reflexão acerca do “conhecimento dos princípios e fundamentos últimos de toda a realidade, de todos os seres” (Chauí, 2000, p. 66).

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Metafísica será o estudo da causa primeira de todos os fenômenos, da essência do(s) ser(es) e da causa incausada, isto é, do princípio de tudo.

6. Política. Do grego, *pólis*, remete-se à cidade, no sentido de tudo o que diz respeito à gestão da cidade e aos cidadãos; à governabilidade e às relações públicas e comportamentos intersubjetivos (Abbagnano, 2007; Aranha; Martins, 2003; Japiassú; Marcondes, 2008). Indo além e especificando um pouco mais, Chauí (2000, p. 67) relata que a Política se estabelece pelo

estudo sobre a natureza do poder e da autoridade; idéia de direito, lei, justiça, dominação, violência; formas dos regimes políticos e suas fundamentações; nascimento e formas do Estado; idéias autoritárias, conservadoras, revolucionárias e libertárias; teorias da revolução e da reforma; análise e crítica das ideologias.

Corroborando e acrescentando,

A filosofia política é assim a análise filosófica da relação entre os cidadãos e a sociedade, as formas de poder e as condições em que este se exerce, os sistemas de governo, e a natureza, a validade e a justificação das decisões políticas. [...] a política como ciência pertence ao domínio do conhecimento prático e é de natureza normativa, estabelecendo os critérios da justiça e do bom governo, e examinando as condições sob as quais o homem pode atingir a felicidade (o bem-estar) na sociedade, em sua existência coletiva. (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 199).

Conforme se pode perceber, os caminhos da Política são múltiplos e complexos, “Por isso é complicado tratar de política “em geral”. É preciso delimitar as áreas de discussão e situar as respostas historicamente” (Aranha; Martins, 2003, p. 214).

Neste trabalho, meu entendimento acerca da Política será o estudo das relações humanas em sociedade, visando o bem comum e a justiça.

## Tem-se uma Filosofia Espírita?

A partir de agora revisitarei a literatura basilar do Espiritismo, o pentateuco kardequiano, buscando os temas concernentes a essas seis grandes áreas filosóficas.

A quinta e última obra do pentateuco kardequiano tem como título e subtítulo A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo (Kardec, 2007a). Na folha de rosto do livro tem-se uma brevíssima explicação do que se trata seu conteúdo:

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade de suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente. (p. 3).

Segundo o índice do livro (p. 9-13), seus conteúdos são distribuídos em três partes. Na primeira – A gênese segundo o Espiritismo (capítulos I ao XII) – são abordados temas, tais como: Deus (Sua existência e natureza); o Bem e o Mal (origem, instinto e inteligência); a Ciência e a gênese; astronomia (espaço, tempo, matéria, forças, planetas, dentre outros); períodos geológicos do Planeta terra e teorias de sua constituição; e a comparação entre as gêneses orgânica (formação e escala dos seres vivos), espiritual (princípio espiritual e a união com a matéria) e Mosaica. Na parte segunda – Os milagres segundo o Espiritismo (capítulos XIII ao XV) – são abordados os seguintes temas: características dos milagres; os fluidos (natureza e propriedades); os milagres do Evangelho de Jesus sob a ótica da ciência. Na terceira e última parte – As predições segundo o Espiritismo (capítulos XVI ao XVIII) – as temáticas desenvolvidas são: a teoria da presciência; e as predições do Evangelho conforme a ciência.

Enfim, este livro pode ser considerado como a ênfase científica do Espiritismo, ou a constituição matricial da Ciência Espírita. Neste livro é possível identificar as seis grandes áreas filosóficas, umas em maior e outras em menor grau, mas podemos enfatizar as relações do livro com a área filosófica da Epistemologia, pois no presente trabalho a compreendo como o estudo, a compreensão e a reflexão dos conhecimentos racionais, quais sejam, das múltiplas ciências.

A quarta e penúltima obra do pentateuco kardequiano tem como título e subtítulo O Céu e o Inferno – ou a justiça divina segundo o Espiritismo (Kardec, 2008). Na folha de rosto do livro tem-se uma brevíssima explicação do que se trata seu conteúdo:

O exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc., seguido de inúmeros exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte. (p. 5).

Segundo o sumário do livro (p. 15-18), seus conteúdos são distribuídos em duas partes. Na primeira – Doutrina (capítulos I ao XII) – são abordados temas, tais como: o futuro e o nada; o temor pela morte; o céu, o purgatório e o inferno (conforme o paganismo, a Igreja e o Espiritismo); as penalizações (eternas ou conforme cada um?); os anjos e os demônios (segundo a Igreja e o Espiritismo). Na parte segunda – Exemplos (capítulos I ao VIII) – são abordados os seguintes temas: a passagem (transição da vida terrena para a vida espiritual); a tipologia (qualificação moral) dos Espíritos para uma compreensão de ‘ser bom ou mal’ (Espíritos felizes, em condição intermediária, sofredores, suicidas, arrependidos e endurecidos); expiações terrestres.

Enfim, este livro complementa o aspecto religioso do Espiritismo, a moral Cristã, considerando a constituição e o funcionamento da Justiça Divina. Neste livro é possível identificar as seis grandes áreas filosóficas, umas em maior e outras em menor grau,

mas podemos enfatizar as relações do livro com a área filosófica da Metafísica, pois no presente trabalho a compreendo como o estudo da causa primeira de todos os fenômenos, bem como da essência dos seres, além das relações humanas em sociedade (indivíduos encarnados e desencarnados) e suas complexidades.

A terceira e antepenúltima obra do pentateuco kardequiano tem como título O Evangelho Segundo o Espiritismo (Kardec, 2021a). Na folha de rosto do livro tem-se uma brevíssima explicação do que se trata seu conteúdo: “A explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida” (p. 3).

Segundo o sumário (p. 5-9), o livro contém uma introdução, um último capítulo (XXVIII) – com uma coletânea de preces (a oração dominical; outras gerais; por quem está orando; por outrem; pelos desencarnados; e pelos doentes e obsidiados) e, entre esses dois tópicos, vinte e sete capítulos cujos conteúdos versam, de modo racional e didático, das máximas evangélicas proclamadas por Jesus (não vim destruir a lei; meu reino não é deste mundo; há muitas moradas na casa de meu Pai; ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo; bem-aventurados os aflitos, os pobres de espírito, os que têm puro o coração, os que são brandos e pacíficos, os que são misericordiosos; amar o próximo como a si mesmo; amai os vossos inimigos; não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita; honrai a vosso pai e a vossa mãe; fora da caridade não há salvação; não se pode ser a Deus a Mamom; sede perfeitos; muitos os chamados, poucos os escolhidos; a fé transporta montanhas; os trabalhadores da última hora; haverá falsos cristos e falsos profetas; não separeis o que Deus juntou; não ponhais a candeia debaixo do alqueire; buscai e achareis; dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes; pedi e obtereis). De acordo com Kardec (2021a, p. 21 e 22),

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os *atos comuns da vida do Cristo*; os *milagres*; as *predições*; as *palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas*; e o *ensino moral*. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. [...] Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça.

Enfim, este livro pode ser considerado como a ênfase moral do Espiritismo, um roteiro seguro para a nossa reforma íntima. Neste livro é possível identificar as seis grandes áreas filosóficas, umas em maior e outras em menor grau, mas podemos enfatizar as relações do livro com a área filosófica da Ética, pois no presente trabalho a compreendo como o estudo reflexivo da moral, enquanto conduta humana mais adequada para o convívio social harmônico e justo.

A segunda obra do pentateuco kardequiano tem como título e subtítulo O Livro dos Médiuns – ou guia dos médiuns e dos evocadores (Kardec, 2007b). Na folha de rosto do livro tem-se uma brevíssima explicação do que se trata seu conteúdo:

Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo constituindo o seguimento de O Livros dos Espíritos. (p. 3).

Segundo o sumário do livro (p. 5-10), seus conteúdos são distribuídos em duas partes. Na primeira – Noções preliminares (capítulos I ao IV) – são abordados temas, tais como: a existência dos Espíritos, do maravilhoso e do sobrenatural; o método (“[...] examinar o caminho que nos parece mais seguro [...]” (p. 39) para o estudo sério, disciplinado e racional das manifestações dos Espíritos); e os sistemas (modos metodológicos de observação de tais manifestações). Na parte segunda – Das manifestações espíritas (capítulos I ao XXXII) – são abordados os seguintes temas: a ação dos Espíritos sobre a matéria; as manifestações dos Espíritos (físicas, inteligentes, espontâneas, visuais, bicorporeidade e transfiguração); as formas de comunicação dos Espíritos (sematologia, tiptologia, pneumatografia e psicografia); os tipos de médiuns (sensitivos, falantes, videntes, sonambúlicos, curadores e psicógrafos); a formação dos médiuns (desenvolvimento, inconvenientes e perigos); as influências do/no médium (moral, meio e obsessão); quanto aos Espíritos (identidade, evocação, perguntas pertinentes, contradições e mistificações, charlatanismo e embuste); as sociedades espíritistas (configuração, pauta e regulamento).

Enfim, este livro pode ser considerado como a ênfase metodológica do Espiritismo, ou os seus meios e métodos para uma prática científica. Neste livro é possível identificar as seis grandes áreas filosóficas, umas em maior e outras em menor grau, mas podemos enfatizar as relações do livro com a área filosófica da Lógica, pois no presente trabalho a compreendo como o estudo com fins de avaliar e organizar informações para estruturar um pensamento racional e expressar com assertividade/verdade e compreender as mensagens recebidas.

A primeira obra do pentateuco kardequiano tem como título O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b). Na folha de rosto do livro tem-se uma brevíssima explicação do que se trata seu conteúdo:

*Princípios da Doutrina Espírita:* sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade – segundo os ensinamentos dados por espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns – recebidos e coordenados por Allan Kardec. (p. 3).

Segundo o índice do livro (p. 5-8), seus conteúdos são distribuídos em quatro partes. Na primeira – Das causas primárias (capítulos I ao IV) – são abordados temas, tais como: Deus (Sua existência, atributos da divindade e o infinito); os elementos



gerais do universo (Espírito, matéria e espaço universal); a criação (formação e pluralidade dos mundos e dos seres vivos); o princípio vital (seres orgânicos e inorgânicos, vida e morte, inteligência e instinto). Na parte segunda – Do mundo espírita ou mundo dos espíritos (capítulos I ao XI) – são abordados os seguintes temas: os Espíritos (origem, natureza, forma, ordens e escala, progressão, encarnação e desencarnação, pluralidade das existências, a vida espiritual, suas relações com o mundo corpóreo, e a emancipação do Espírito enquanto encarnado); e os reinos mineral, vegetal, animal e hominal. Na parte terceira – Das leis morais (capítulos I ao XII) – são abordados os seguintes temas: as Leis Divinas, por isso Naturais, de Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade, e Justiça, Amor e Caridade; e a busca pela perfeição moral. Na quarta e última parte – Das esperanças e consolações (capítulos I e II) – as temáticas desenvolvidas são: as penas e gozos terrestres (em relação aos Espíritos encarnados) e os futuros (em relação ao Espíritos desencarnados).

Este livro pode ser considerado como a ênfase filosófica do Espiritismo, forjada no tripé Filosofia, Ciência e Religião. Com isso, podemos enfatizar as relações do livro com a área filosófica da Metafísica, pois no presente trabalho a compreendo como o estudo da causa primeira de todos os fenômenos, da essência dos seres e da causa incausada, isto é, do princípio de tudo (Deus).

Assim, pelo exposto no capítulo primeiro da presente obra, revivescerei O Livros dos Espíritos (Kardec, 2021b), buscando identificar os temas concernentes às seis grandes áreas filosóficas em cada uma das 1.019 questões que o constituem (incluindo, obviamente, as respostas dos Espíritos Superiores e os comentários do autor – Allan Kardec<sup>1</sup>). Enquanto processo metodológico, procedi à leitura e reflexão de cada questão, individualmente para, em seguida, identificá-la a uma das seis grandes áreas filosóficas. Em algumas questões a identificação foi direta, isto é, percebi uma clareza/distinção de uma única área da Filosofia com a temática abordada. Em outras questões me foi possível identificar conexão com mais de uma área e, nesses casos, elegi uma área de predominância – que enumerei como ‘1.’ (ou primeiro plano) – e as demais foram identificadas em conjunto com o código ‘2.’ (ou segundo plano).

A primeira parte d’O Livro dos Espíritos (O.L.E.) pode ser considerada de predominância associativa/análoga à epistemologia filosófica. Segue, no Quadro 4, uma avaliação das primeiras 75 questões da codificação – que constituem tal sessão.

<sup>1</sup> A partir desse momento, sempre que me referir à questão/questiones de O Livro dos Espíritos, compreenderei o conjunto apresentado: pergunta (do autor/codificador/organizador da obra), resposta (dos Espíritos) e comentário à resposta (do codificador/organizador/autor da obra), quando houver.

Quadro 4 – Avaliação das questões 1 a 75 de O.L.E. baseada nas seis grandes áreas temáticas filosóficas.

Parte Primeira – Das causas primárias.	
QUESTÃO	ÁREA FILOSÓFICA
1	Metafísica.
2	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
3	1. Metafísica. / 2. Lógica
4	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
5	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
6	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
7	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
8	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
9	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
10	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
11	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
12	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
13	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
14	1. Lógica. / 2. Epistemologia, Ética e Metafísica.
15	Epistemologia.
16	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
17	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
18	1. Epistemologia. / 2. Ética.
19	Epistemologia.
20	Metafísica.
21	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
22	Epistemologia.
23	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
24	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
25	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
26	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
27	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
28	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
29	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
30	Epistemologia.
31	Epistemologia.
32	Epistemologia.
33	Epistemologia.

34	Epistemologia.
35	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
36	Epistemologia.
37	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
38	Metafísica.
39	Epistemologia.
40	Epistemologia.
41	Epistemologia.
42	Metafísica.
43	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
44	Epistemologia.
45	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
46	Epistemologia.
47	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
48	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
49	1. Epistemologia. / 2. Metafísica e Lógica.
50	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
51	Epistemologia.
52	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
53	1. Epistemologia. / 2. Ética e Política.
54	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
55	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
56	Epistemologia.
57	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
58	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
59	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
60	Epistemologia.
61	Epistemologia.
62	Epistemologia.
63	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
64	Epistemologia.
65	Epistemologia.
66	Epistemologia.
67	Epistemologia.
68	Epistemologia.
69	Epistemologia.
70	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.

71	Epistemologia.
72	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
73	Epistemologia.
74	Epistemologia.
75	1. Epistemologia. / 2. Ética.

A seguir, apresento o Quadro 5, com uma síntese da avaliação das questões que compõem a parte primeira de O Livro dos Espíritos (O.L.E.).

Quadro 5 – Síntese avaliativa das áreas filosóficas constitutivas da Parte Primeira de O.L.E.

ÁREA FILOSÓFICA	IDENTIFICAÇÃO		
	PRIMEIRO PLANO	SEGUNDO PLANO	TOTAL
<b>Epistemologia</b>	56	14	<b>70</b>
Estética	-	02	02
Ética	-	06	06
Lógica	04	15	19
Metafísica	16	20	36
Política	-	01	01

Nota-se que ocorre uma predominância da Epistemologia (conforme destacado em negrito) em relação às outras grandes áreas, o que corrobora com a premissa que a Parte Primeira apresenta-nos um conjunto de conhecimentos que suportam cientificamente a Doutrina Espírita, haja vista que, a partir dela, desdobrou-se em aprofundamento a quinta obra da codificação – A Gênese: o eixo ‘Ciência’ do tripé Ciência-Filosofia-Religião, do Espiritismo.

Interessante observar também no Quadro 5 a proporção da área Metafísica, indicando o caráter geral da obra como um todo (para além da primeira parte) – a relação, profunda, complexa e salutar, que deve vigor entre Ciência e Espiritualidade/Religião (Moreira-Almeida; Santos, 2012; Moreira-Almeida; Mosqueiro; Bhugra, 2021; Moreira-Almeida; Costa; Coelho, 2022). Seguem duas falas de Allan Kardec que, de modo complementar, sintetizam a parte primeira – Das causas primárias – de O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b): “A Ciência, longe de apoucar a Obra Divina, no-la mostra sob aspecto mais grandioso e mais acorde com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de ela se haver efetuado sem derrogação das Leis da Natureza” (p. 97). E, “As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando de par com a Ciência. Esse o meio único de não apresentarem lado vulnerável ao ceticismo” (p. 100).

A segunda parte d'O Livro dos Espíritos (O.L.E.) pode ser considerada de predominância associativa/análoga à lógica filosófica. Segue, no Quadro 6, uma avaliação das questões de número 76 a 613 da codificação – que constituem tal sessão.

Quadro 6 – Avaliação das questões 76 a 613 de O.L.E. baseada nas seis grandes áreas temáticas filosóficas.

Parte Segunda – Do mundo espírita ou mundo dos espíritos.	
QUESTÃO	ÁREA FILOSÓFICA
76	Metafísica.
77	1. Metafísica. / 2. Lógica.
78	1. Metafísica. / 2. Lógica
79	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
80	Metafísica.
81	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
82	1. Epistemologia. / 2. Estética, Lógica e Metafísica.
83	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
84	Epistemologia.
85	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
86	1. Epistemologia. / 2. Política.
87	1. Epistemologia. / 2. Ética.
88	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
89	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
90	Epistemologia.
91	Epistemologia.
92	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
93	Epistemologia.
94	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
95	Epistemologia.
96	1. Ética. / 2. Epistemologia.
97	1. Ética. / 2. Epistemologia.
98	Ética.
99	Ética.
100	1. Epistemologia. / 2. Lógica, Metafísica e Política.
101	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
102	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
103	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
104	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.

105	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
106	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
107	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
108	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
109	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
110	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
111	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
112	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
113	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
114	1. Ética. / 2. Epistemologia.
115	1. Epistemologia. / 2. Ética.
116	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
117	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
118	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
119	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
120	1. Epistemologia. / 2. Ética.
121	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
122	1. Ética. / 2. Epistemologia, Lógica e Política.
123	Ética.
124	Epistemologia.
125	1. Epistemologia. / 2. Estética.
126	1. Ética. / 2. Metafísica.
127	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
128	Epistemologia.
129	1. Epistemologia. / 2. Ética.
130	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
131	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
132	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
133	1. Lógica. / 2. Ética.
134	Epistemologia.
135	Epistemologia.
136	Epistemologia.
137	Epistemologia.
138	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
139	Epistemologia.
140	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
141	1. Epistemologia. / 2. Lógica.

142	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
143	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
144	Epistemologia.
145	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
146	Epistemologia.
147	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
148	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
149	Metafísica.
150	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
151	Lógica.
152	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
153	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
154	1. Epistemologia. / 2. Estética.
155	1. Epistemologia. / 2. Ética.
156	Epistemologia.
157	Metafísica.
158	1. Estética. / 2. Epistemologia e Lógica.
159	1. Metafísica. / 2. Ética.
160	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
161	Epistemologia.
162	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
163	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
164	1. Ética. / 2. Lógica e Metafísica.
165	1. Ética. / 2. Epistemologia.
166	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
167	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
168	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
169	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
170	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
171	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
172	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Metafísica.
173	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Metafísica.
174	1. Ética. / 2. Estética e Metafísica.
175	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
176	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
177	Lógica.
178	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.

179	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
180	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
181	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
182	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
183	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
184	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
185	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
186	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
187	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
188	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
189	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
190	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
191	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
192	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
193	Ética.
194	Ética.
195	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
196	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
197	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
198	Lógica.
199	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
200	1. Epistemologia. / 2. Estética.
201	1. Epistemologia. / 2. Política.
202	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
203	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
204	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Política.
205	1. Epistemologia. / 2. Estética, Lógica e Política.
206	Ética.
207	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
208	1. Ética. / 2. Lógica.
209	1. Ética. / 2. Lógica.
210	1. Ética. / 2. Política.
211	1. Estética. / 2. Ética e Lógica.
212	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
213	1. Política. / 2. Ética e Metafísica.
214	Epistemologia.
215	1. Lógica. / 2. Estética e Política.



216	1. Ética. / 2. Estética.
217	1. Estética. / 2. Epistemologia e Ética.
218	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
219	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
220	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
221	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
222	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
223	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
224	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
225	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
226	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
227	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
228	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
229	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
230	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
231	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
232	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
233	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Política.
234	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
235	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
236	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
237	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
238	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
239	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
240	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
241	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
242	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
243	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
244	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
245	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
246	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
247	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
248	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
249	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
250	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
251	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
252	1. Metafísica. / 2. Estética.

253	1. Metafísica. / 2. Lógica.
254	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
255	1. Ética. / 2. Metafísica.
256	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
257	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
258	1. Estética. / 2. Epistemologia, Ética e Metafísica.
259	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
260	1. Metafísica. / 2. Lógica.
261	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
262	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
263	1. Metafísica. / 2. Lógica.
264	1. Metafísica. / 2. Ética e Lógica.
265	1. Metafísica. / 2. Ética.
266	1. Metafísica. / 2. Ética e Lógica.
267	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
268	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
269	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
270	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
271	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
272	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
273	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
274	1. Ética. / 2. Lógica e Metafísica.
275	1. Metafísica. / 2. Ética.
276	Ética.
277	1. Ética. / 2. Política.
278	1. Ética. / 2. Política.
279	1. Ética. / 2. Política.
280	1. Ética. / 2. Política.
281	1. Ética. / 2. Política.
282	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
283	Metafísica.
284	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
285	Metafísica.
286	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
287	1. Metafísica. / 2. Ética.
288	Ética.
289	1. Metafísica. / 2. Estética, Ética e Lógica.

290	1. Metafísica. / 2. Estética, Ética e Lógica.
291	1. Metafísica. / 2. Estética e Lógica.
292	1. Ética. / 2. Metafísica e Política.
293	1. Metafísica. / 2. Estética e Ética.
294	Ética.
295	1. Ética. / 2. Lógica e Metafísica.
296	Ética.
297	1. Ética. / 2. Metafísica.
298	1. Política. / 2. Estética, Ética e Metafísica.
299	Lógica.
300	1. Política. / 2. Ética e Metafísica.
301	1. Lógica. / 2. Ética.
302	1. Epistemologia. / 2. Ética.
303	1. Política. / 2. Ética e Metafísica.
304	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
305	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
306	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
307	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
308	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
309	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
310	Metafísica.
311	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
312	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
313	1. Ética. / 2. Epistemologia, Estética e Metafísica.
314	1. Estética. / 2. Epistemologia, Ética e Metafísica.
315	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
316	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
317	1. Política. / 2. Epistemologia, Ética e Metafísica.
318	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
319	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
320	Metafísica.
321	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
322	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
323	Metafísica.
324	Metafísica.
325	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Ética.
326	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.

327	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
328	1. Metafísica. / 2. Estética e Ética.
329	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
330	Metafísica.
331	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
332	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
333	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
334	Metafísica.
335	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
336	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
337	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
338	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
339	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
340	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
341	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
342	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
343	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
344	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
345	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
346	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
347	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
348	1. Lógica. / 2. Metafísica.
349	Metafísica.
350	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
351	Epistemologia.
352	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
353	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
354	Epistemologia.
355	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
356	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
357	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
358	1. Ética. / 2. Epistemologia, Lógica e Metafísica.
359	1. Ética. / 2. Lógica.
360	1. Ética. / 2. Epistemologia, Lógica e Metafísica.
361	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
362	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
363	Lógica.

364	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
365	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
366	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
367	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
368	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
369	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
370	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
371	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
372	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
373	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
374	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
375	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
376	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
377	Lógica.
378	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
379	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
380	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
381	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
382	Epistemologia.
383	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
384	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
385	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
386	1. Epistemologia. / 2. Estética, Metafísica e Política.
387	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
388	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
389	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
390	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
391	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
392	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
393	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
394	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
395	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
396	Epistemologia.
397	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
398	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
399	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
400	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.

401	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
402	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
403	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
404	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
405	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
406	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
407	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
408	Metafísica.
409	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
410	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
411	1. Metafísica. / 2. Estética.
412	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
413	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
414	1. Metafísica. / 2. Estética.
415	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
416	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
417	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
418	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
419	1. Epistemologia. / 2. Estética, Lógica e Metafísica.
420	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
421	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
422	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
423	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
424	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
425	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
426	Epistemologia.
427	Epistemologia.
428	Epistemologia.
429	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
430	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
431	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
432	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
433	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
434	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
435	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
436	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
437	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.

438	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Ética.
439	Epistemologia.
440	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
441	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
442	Epistemologia.
443	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
444	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
445	Epistemologia.
446	Epistemologia.
447	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
448	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
449	Epistemologia.
450	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
451	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
452	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
453	Epistemologia.
454	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
455	Epistemologia.
456	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
457	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
458	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Política.
459	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
460	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
461	1. Epistemologia. / 2. Ética.
462	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
463	1. Epistemologia. / 2. Ética.
464	Epistemologia.
465	1. Epistemologia. / 2. Estética.
466	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Política.
467	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
468	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
469	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
470	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
471	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
472	1. Metafísica. / 2. Ética e Política.
473	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
474	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.

475	Ética.
476	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
477	Epistemologia
478	Epistemologia.
479	Ética.
480	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
481	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
482	1. Ética. / 2. Epistemologia, Metafísica e Política.
483	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
484	Política.
485	1. Ética. / 2. Política.
486	1. Ética. / 2. Epistemologia.
487	1. Ética. / 2. Epistemologia.
488	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
489	Epistemologia.
490	Epistemologia.
491	1. Epistemologia. / 2. Ética.
492	1. Epistemologia. / 2. Estética.
493	1. Epistemologia. / 2. Ética.
494	Epistemologia.
495	1. Estética. / 2. Epistemologia e Ética.
496	1. Ética. / 2. Epistemologia.
497	1. Epistemologia. / 2. Ética.
498	1. Ética. / 2. Epistemologia.
499	Epistemologia.
500	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Estética.
501	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
502	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
503	1. Ética. / 2. Epistemologia.
504	Epistemologia.
505	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
506	1. Estética. / 2. Epistemologia.
507	1. Epistemologia. / 2. Estética.
508	Epistemologia.
509	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
510	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
511	1. Epistemologia. / 2. Ética.



512	Epistemologia.
513	1. Epistemologia. / 2. Ética.
514	Epistemologia.
515	Epistemologia.
516	Epistemologia.
517	1. Epistemologia. / 2. Ética.
518	1. Ética. / 2. Epistemologia.
519	1. Estética. / 2. Epistemologia.
520	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
521	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
522	1. Epistemologia. / 2. Estética.
523	1. Metafísica. / 2. Estética.
524	Epistemologia.
525	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
526	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
527	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
528	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
529	1. Epistemologia. / 2. Estética.
530	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
531	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Lógica.
532	Epistemologia.
533	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
534	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
535	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Ética.
536	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
537	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
538	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
539	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
540	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
541	Metafísica.
542	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
543	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
544	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
545	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
546	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
547	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
548	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.

549	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
550	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
551	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
552	Epistemologia.
553	Epistemologia.
554	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
555	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
556	Epistemologia.
557	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
558	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Política.
559	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
560	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
561	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
562	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
563	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
564	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
565	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
566	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
567	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
568	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
569	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
570	Epistemologia.
571	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
572	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
573	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Política.
574	Epistemologia.
575	Lógica.
576	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
577	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
578	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
579	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
580	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
581	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
582	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
583	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
584	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
585	Epistemologia.

586	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
587	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
588	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
589	Epistemologia.
590	Epistemologia.
591	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
592	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
593	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
594	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
595	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
596	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
597	1. Estética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
598	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
599	Lógica.
600	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
601	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
602	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
603	1. Lógica. / 2. Metafísica.
604	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
605	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
606	Epistemologia.
607	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
608	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
609	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
610	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
611	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
612	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
613	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.

A seguir, apresento o Quadro 7, com uma síntese da avaliação das questões que compõem a parte segunda de O Livro dos Espíritos (O.L.E.).

Quadro 7 – Síntese avaliativa das áreas filosóficas constitutivas da Parte Segunda de O.L.E.

ÁREA FILOSÓFICA	IDENTIFICAÇÃO		
	PRIMEIRO PLANO	SEGUNDO PLANO	TOTAL
<b>Epistemologia</b>	252	200	<b>452</b>
Estética	9	76	85
Ética	55	100	155
Lógica	46	184	230
Metafísica	168	123	291
Política	6	37	43

Interessante observar que assim como na primeira, na parte segunda repetiu-se o mesmo ranqueamento em relação às três primeiras posições quanto a correlação das questões de O Livro dos Espíritos às grandes áreas filosóficas: 1º) Epistemologia; 2º) Metafísica; e 3º) Lógica. Nesse sentido, a mesma análise realizada no Quadro 5 pode ser realizada aqui para o Quadro 7, isto é, ocorreu a predominância da Epistemologia (conforme destacado em negrito) devido ao fato de toda a obra ser um compêndio científico dos estudos sistematizados da espiritualidade e sua relação com a humanidade. De igual modo, esperar-se-ia que O Livro dos Espíritos – enquanto uma obra completa e parte de um pentateuco – por motivos óbvios, tratasse, em todo o seu bojo, das questões espiritistas, portanto, metafísicas do corpo doutrinário do Espiritismo.

Porém, cabe aqui um olhar acurado para a grande área filosófica Lógica que, apesar de ter-se mantido em terceiro lugar em ambos os Quadros (5 e 7), teve um aumento substancial de aparições: enquanto a Epistemologia aumentou em cerca de 6,5 vezes e a Metafísica em torno de oito vezes, a Lógica teve um aumento por volta de 12 vezes em relação ao número de citações comparando o Quadro 7 em relação ao Quadro 5; isto significa que a Lógica teve sua proporção de citações aumentada quase o dobro em relação à Epistemologia e 50% a mais quando comparada à Metafísica. Ao atentarmo-nos para tal fato compreendemos um pouco mais do porquê que desta parte segunda de O.L.E. Allan Kardec aprofundou a segunda obra da codificação – O Livro dos Médiuns: também o eixo ‘Ciência’ do tripé Ciência-Filosofia-Religião, do Espiritismo, todavia, conferindo a ênfase metodológica da Doutrina Espírita.

Seguem duas citações diretas de Allan Kardec que sintetizam a parte segunda – Do Mundo dos Espíritos – de O Livro dos Espíritos. A primeira diz do caráter lógico da doutrina:

Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas ou por um esforço da imaginação (Kardec, 2021b, p. 113).

A segunda fala remete-nos ao arcabouço metodológico adotado pelo codificador na forja do Espiritismo – quanto a taxonomia dos Espíritos, Kardec (2021b) nos assevera:

Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. [...] Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto (p. 118 e 119). [...] Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram (p. 120). [...] É, de certo modo, a chave da ciência espírita [...] esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos (p. 121).

A terceira parte d'O Livro dos Espíritos (O.L.E.) pode ser considerada de predominância associativa/análoga à ética filosófica. Segue, no Quadro 8, uma avaliação das questões de número 614 a 919 da codificação – que constituem tal sessão.

Quadro 8 – Avaliação das questões 614 a 919 de O.L.E. baseada nas seis grandes áreas temáticas filosóficas.

Parte Terceira – Das leis morais.	
QUESTÃO	ÁREA FILOSÓFICA
614	Metafísica.
615	Metafísica.
616	Metafísica.
617	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
618	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
619	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
620	1. Lógica. / 2. Epistemologia, Ética e Metafísica.
621	1. Ética. / 2. Estética.
622	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
623	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
624	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.

625	Ética.
626	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética, Lógica.
627	1. Epistemologia. / 2. Ética.
628	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
629	1. Ética. / 2. Metafísica.
630	1. Ética. / 2. Lógica.
631	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
632	1. Ética. / 2. Estética e Lógica.
633	1. Lógica. / 2. Epistemologia e Metafísica.
634	1. Epistemologia. / 2. Estética, Lógica e Metafísica.
635	Epistemologia.
636	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
637	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
638	1. Ética. / 2. Epistemologia, Lógica e Metafísica.
639	1. Política. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
640	1. Ética. / 2. Estética e Lógica.
641	1. Ética. / 2. Estética e Lógica.
642	1. Ética. / 2. Estética e Lógica.
643	1. Ética. / 2. Estética e Lógica.
644	1. Estética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
645	1. Ética. / 2. Estética e Metafísica.
646	1. Ética. / 2. Lógica e Política.
647	1. Ética. / 2. Epistemologia e Política.
648	1. Epistemologia. / 2. Metafísica e Política.
649	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
650	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
651	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
652	Epistemologia.
653	1. Estética. / 2. Ética e Metafísica.
654	1. Metafísica. / 2. Ética.
655	1. Epistemologia. / 2. Ética.
656	Metafísica.
657	1. Estética. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
658	Metafísica.
659	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
660	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
661	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.

662	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
663	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
664	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
665	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
666	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
667	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
668	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
669	Epistemologia.
670	1. Epistemologia. / 2. Ética.
671	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
672	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
673	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
674	Epistemologia.
675	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
676	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
677	Epistemologia.
678	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
679	1. Ética. / 2. Estética.
680	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
681	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
682	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
683	Epistemologia.
684	Ética.
685	1. Ética. / 2. Epistemologia e Política.
686	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
687	Metafísica.
688	1. Epistemologia. / 2. Estética.
689	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Estética.
690	Epistemologia.
691	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
692	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
693	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
694	Epistemologia.
695	1. Epistemologia. / 2. Estética.
696	1. Epistemologia. / 2. Estética.
697	1. Epistemologia. / 2. Estética.
698	1. Epistemologia. / 2. Estética.

699	1. Epistemologia. / 2. Ética.
700	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
701	1. Política. / 2. Epistemologia e Lógica.
702	Epistemologia.
703	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
704	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
705	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
706	Epistemologia.
707	1. Ética. / 2. Epistemologia, Estética e Metafísica.
708	Metafísica.
709	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
710	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
711	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
712	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
713	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
714	1. Epistemologia. / 2. Ética.
715	Epistemologia.
716	1. Epistemologia. / 2. Ética.
717	1. Metafísica. / 2. Ética e Política.
718	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
719	1. Epistemologia. / 2. Ética.
720	1. Ética. / 2. Política.
721	1. Ética. / 2. Estética e Política.
722	Epistemologia.
723	Epistemologia.
724	1. Epistemologia. / 2. Ética.
725	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
726	1. Ética. / 2. Lógica, Metafísica e Política.
727	Ética.
728	1. Estética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
729	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
730	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
731	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
732	1. Epistemologia. / 2. Estética, Lógica e Metafísica.
733	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
734	1. Ética. / 2. Epistemologia.
735	Ética.



736	1. Ética. / 2. Epistemologia e Estética.
737	1. Epistemologia. / 2. Ética.
738	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Lógica.
739	Epistemologia.
740	Ética.
741	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
742	Epistemologia.
743	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
744	1. Estética. / 2. Epistemologia.
745	1. Estética. / 2. Ética e Metafísica.
746	Ética.
747	1. Metafísica. / 2. Ética e Lógica.
748	Ética.
749	1. Ética. / 2. Lógica.
750	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
751	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
752	Ética.
753	1. Ética. / 2. Lógica e Metafísica.
754	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
755	1. Ética. / 2. Metafísica.
756	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
757	1. Ética. / 2. Epistemologia.
758	1. Epistemologia. / 2. Ética.
759	1. Ética. / 2. Epistemologia.
760	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
761	Ética.
762	1. Ética. / 2. Epistemologia.
763	Epistemologia.
764	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
765	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
766	Epistemologia.
767	1. Epistemologia. / 2. Política.
768	1. Epistemologia. / 2. Política.
769	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Política.
770	1. Epistemologia. / 2. Ética.
771	1. Ética. / 2. Política.
772	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Política.

773	Epistemologia.
774	1. Epistemologia. / 2. Política.
775	1. Epistemologia. / 2. Ética.
776	Epistemologia.
777	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
778	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
779	1. Epistemologia. / 2. Ética.
780	Epistemologia.
781	1. Epistemologia. / 2. Metafísica e Política.
782	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
783	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
784	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
785	1. Ética. / 2. Lógica.
786	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
787	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
788	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
789	1. Ética. / 2. Epistemologia, Lógica e Metafísica.
790	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
791	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
792	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
793	Ética.
794	Epistemologia.
795	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
796	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
797	Epistemologia.
798	Epistemologia.
799	1. Metafísica. / 2. Ética.
800	1. Epistemologia. / 2. Ética.
801	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
802	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
803	Metafísica.
804	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
805	Metafísica.
806	Epistemologia.
807	1. Metafísica. / 2. Política.
808	Epistemologia.
809	1. Epistemologia. / 2. Ética.

810	Ética.
811	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
812	1. Epistemologia. / 2. Política.
813	1. Epistemologia. / 2. Política.
814	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
815	Epistemologia.
816	Ética.
817	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
818	1. Epistemologia. / 2. Ética.
819	1. Epistemologia. / 2. Política.
820	1. Epistemologia. / 2. Ética.
821	1. Epistemologia. / 2. Estética.
822	Ética.
823	1. Epistemologia. / 2. Ética.
824	Ética.
825	Política.
826	Política.
827	Epistemologia.
828	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
829	1. Ética. / 2. Epistemologia.
830	1. Ética. / 2. Epistemologia.
831	1. Ética. / 2. Epistemologia.
832	1. Ética. / 2. Epistemologia.
833	Epistemologia.
834	Metafísica.
835	Epistemologia.
836	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
837	Epistemologia.
838	Ética.
839	1. Ética. / 2. Epistemologia.
840	1. Epistemologia. / 2. Ética.
841	1. Política. / 2. Epistemologia e Ética.
842	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.
843	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
844	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
845	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
846	1. Ética. / 2. Epistemologia e Lógica.

847	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
848	1. Ética. / 2. Epistemologia e Estética.
849	1. Epistemologia. / 2. Ética.
850	Epistemologia.
851	Epistemologia.
852	Epistemologia.
853	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
854	Epistemologia.
855	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
856	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
857	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
858	Metafísica.
859	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
860	1. Epistemologia. / 2. Ética.
861	1. Ética. / 2. Epistemologia e Metafísica.
862	1. Ética. / 2. Epistemologia.
863	Epistemologia.
864	1. Epistemologia. / 2. Ética.
865	1. Metafísica. / 2. Ética.
866	1. Metafísica. / 2. Ética.
867	Epistemologia.
868	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
869	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Ética e Lógica.
870	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
871	1. Ética. / 2. Epistemologia, Estética, Lógica e Metafísica.
872	1. Ética. / 2. Epistemologia.
873	1. Ética. / 2. Epistemologia.
874	Epistemologia.
875	1. Ética. / 2. Epistemologia e Política.
876	Ética.
877	1. Ética. / 2. Política.
878	Ética.
879	Ética.
880	1. Epistemologia. / 2. Ética.
881	1. Ética. / 2. Epistemologia.
882	1. Epistemologia. / 2. Ética.
883	1. Ética. / 2. Estética e Política.

884	Ética.
885	Epistemologia.
886	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
887	1. Ética. / 2. Epistemologia e Política.
888	1. Ética. / 2. Estética e Política.
889	1. Epistemologia. / 2. Ética.
890	Epistemologia.
891	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
892	Epistemologia.
893	1. Epistemologia. / 2. Ética.
894	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
895	1. Ética. / 2. Epistemologia.
896	1. Epistemologia. / 2. Ética.
897	1. Ética. / 2. Epistemologia.
898	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
899	1. Ética. / 2. Epistemologia.
900	1. Epistemologia. / 2. Estética.
901	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
902	Epistemologia.
903	1. Ética. / 2. Epistemologia.
904	1. Epistemologia. / 2. Ética.
905	1. Epistemologia. / 2. Ética.
906	1. Epistemologia. / 2. Ética.
907	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
908	Epistemologia.
909	Epistemologia.
910	Metafísica.
911	1. Epistemologia. / 2. Ética.
912	Epistemologia.
913	1. Epistemologia. / 2. Ética.
914	Epistemologia.
915	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
916	1. Ética. / 2. Epistemologia.
917	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
918	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
919	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.

A seguir, apresento o Quadro 9, com uma síntese da avaliação das questões que compõem a parte terceira de O Livro dos Espíritos (O.L.E.).

Quadro 9 – Síntese avaliativa das áreas filosóficas constitutivas da Parte Terceira de O.L.E.

ÁREA FILOSÓFICA	IDENTIFICAÇÃO		
	PRIMEIRO PLANO	SEGUNDO PLANO	TOTAL
<b>Epistemologia</b>	163	78	<b>241</b>
Estética	06	31	37
Ética	84	75	159
Lógica	06	72	78
Metafísica	42	58	100
Política	05	24	29

Interessante observar que assim como nas partes primeira e segunda, a Epistemologia foi, novamente, a melhor ranqueada quanto a correlação das questões de O Livro dos Espíritos às grandes áreas filosóficas. Nesse sentido, a mesma análise realizada nos Quadros 5 e 7 pode ser aqui estatuída para o Quadro 9, isto é, uma vez mais ocorreu a predominância da Epistemologia (conforme destacado em negrito) devido ao fato de toda a obra ser um compêndio científico dos estudos sistematizados da espiritualidade e sua relação com a humanidade.

Porém, cabe aqui um olhar acurado para a grande área filosófica Ética que, pela primeira vez ocupou a segunda colocação (que até então, nos Quadros 5 e 7, pertencera à grande área filosófica da Metafísica), tendo um aumento substancial de aparições; isto significa que a Ética teve sua proporção de citações aumentada pouco mais que o dobro em relação à Lógica e quase 60% a mais quando comparada à Metafísica. Ao atentarmo-nos para tais fatos compreendemos um pouco mais do porquê que desta parte terceira de O Livro dos Espíritos Allan Kardec aprofundou a terceira obra da codificação – O Evangelho Segundo o Espiritismo: o viés religioso do tripé Ciência-Filosofia-Religião, do Espiritismo, destarte, conferindo a ênfase moral (da caridade e do amor, cristãos) da doutrina dos espíritos de escol.

Seguem duas citações que sintetizam a parte terceira – Das Leis Morais – de O Livro dos Espíritos, ambas enaltecendo o caráter ético do Espiritismo, porquanto uma doutrina moralizante. Kardec (2021b):

**621.** *Onde está escrita a Lei de Deus?*

"Na consciência". (p. 375).

**625.** *Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?*

"Jesus".

Para o homem, Jesus constitui o tipo da Perfeição Moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da Lei do Senhor, porque, sendo Ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.

Quanto aos que, pretendendo instruir o homem na Lei de Deus, o têm transviado, ensinando-lhes falsos princípios, isso aconteceu por haverem deixado que os dominassem sentimentos demasiado terrenos e por terem confundido as leis que regulam as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos não apresentado como Leis Divinas simples leis humanas estatuídas para servir às paixões e dominar os homens. (p. 376 e 377).

A quarta e última parte d'O Livro dos Espíritos (O.L.E.) pode ser considerada de predominância associativa/análoga à metafísica filosófica. Segue, no Quadro 10, uma avaliação das questões de número 920 a 1.019 da codificação – que constituem tal sessão.

Quadro 10 – Avaliação das questões 920 a 1.019 de O.L.E.  
baseada nas seis grandes áreas temáticas filosóficas.

Parte Quarta – Das esperanças e consolações.	
QUESTÃO	ÁREA FILOSÓFICA
920	Epistemologia.
921	1. Epistemologia. / 2. Ética.
922	1. Epistemologia. / 2. Ética.
923	1. Ética. / 2. Epistemologia.
924	1. Ética. / 2. Epistemologia.
925	Epistemologia.
926	1. Ética. / 2. Epistemologia.
927	Epistemologia.
928	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
929	Epistemologia.
930	1. Política. / 2. Ética.
931	Epistemologia.
932	Epistemologia.
933	1. Epistemologia. / 2. Ética.
934	Epistemologia.
935	Epistemologia.
936	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
937	1. Ética. / 2. Epistemologia.
938	1. Ética. / 2. Epistemologia.
939	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
940	1. Epistemologia. / 2. Estética e Lógica.
941	Epistemologia.

942	Epistemologia.
943	1. Epistemologia. / 2. Ética.
944	Epistemologia.
945	Epistemologia.
946	Epistemologia.
947	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
948	1. Ética. / 2. Epistemologia.
949	1. Ética. / 2. Epistemologia.
950	1. Ética. / 2. Epistemologia.
951	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
952	1. Estética. / 2. Epistemologia.
953	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
954	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
955	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
956	1. Epistemologia. / 2. Estética.
957	1. Epistemologia. / 2. Estética.
958	Lógica.
959	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
960	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
961	1. Lógica. / 2. Epistemologia.
962	1. Epistemologia. / 2. Lógica.
963	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
964	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
965	1. Metafísica. / 2. Epistemologia, Estética e Lógica.
966	Epistemologia.
967	Epistemologia.
968	Epistemologia.
969	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
970	Epistemologia.
971	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
972	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
973	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
974	Epistemologia.
975	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
976	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Metafísica.
977	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
978	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.



979	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
980	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
981	1. Epistemologia. / 2. Ética.
982	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
983	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
984	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
985	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
986	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
987	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
988	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
989	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
990	1. Epistemologia. / 2. Ética.
991	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
992	1. Epistemologia. / 2. Ética.
993	1. Epistemologia. / 2. Ética, Lógica e Metafísica.
994	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
995	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
996	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
997	1. Epistemologia. / 2. Lógica e Metafísica.
998	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
999	1. Epistemologia. / 2. Estética e Metafísica.
1.000	1. Epistemologia. / 2. Estética e Ética.
1.001	1. Epistemologia. / 2. Estética, Ética e Lógica.
1.002	Epistemologia.
1.003	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.
1.004	1. Epistemologia. / 2. Ética e Metafísica.
1.005	1. Metafísica. / 2. Estética.
1.006	1. Epistemologia. / 2. Ética.
1.007	Epistemologia.
1.008	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Ética.
1.009	1. Epistemologia. / 2. Ética e Lógica.
1.010	Epistemologia.
1.011	Epistemologia.
1.012	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
1.013	1. Estética. / 2. Epistemologia.
1.014	1. Metafísica. / 2. Epistemologia e Lógica.
1.015	1. Metafísica. / 2. Epistemologia.

1.016	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
1.017	1. Epistemologia. / 2. Metafísica.
1.018	1. Epistemologia. / 2. Ética.
1.019	1. Ética. / 2. Epistemologia e Estética.

A seguir, apresento o Quadro 11, com uma síntese da avaliação das questões que compõem a parte quarta de O Livro dos Espíritos (O.L.E.).

Quadro 11 – Síntese avaliativa das áreas filosóficas constitutivas da Parte Quarta de O.L.E.

ÁREA FILOSÓFICA	IDENTIFICAÇÃO		
	PRIMEIRO PLANO	SEGUNDO PLANO	TOTAL
<b>Epistemologia</b>	65	32	<b>97</b>
Estética	02	16	18
Ética	09	26	35
Lógica	02	15	17
Metafísica	21	21	42
Política	01	00	01

Na parte quarta, assim como nas três partes anteriores, a Epistemologia foi, novamente, a melhor ranqueada (conforme destacado em negrito) reforçando, veementemente, o fato de toda a obra ser um compêndio científico dos estudos sistematizados da espiritualidade e sua relação com a humanidade. De igual modo, esperar-se-ia que a parte quarta de O Livro dos Espíritos, por motivos óbvios – já especificados previamente (através da descrição da folha de rosto e do sumário da obra) –, tratasse das questões metafísicas, filosóficas portanto, do corpo doutrinário do Espiritismo. E isso foi possível ser verificado na parte quarta com o ranqueamento em segundo lugar da grande área filosófica da Metafísica, pois essa trata de um exame de alguns dos aspectos dogmáticos religiosos no intuito de esclarecer, metodicamente, cientificamente e logicamente, a causa primeira de todos os fenômenos, a essência dos seres (corpóreos e extra corpóreos) e suas relações.

Seguem duas citações que sintetizam a parte quarta – Das Esperanças e Consolações – de O Livro dos Espíritos, ambas apresentando-nos uma explicação racional e lógica – e, portanto, não dogmática, irreversível – do funcionamento da vida encarnada e desencarnada e suas possibilidades infinitas de encadeamento. A primeira fora uma psicografia de Platão:

**1009. Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?**

[...]

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Ainda não basta o sangue que tendes feito correr! Será ainda preciso que se reacendam as fogueiras? Discutem sobre palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos. Ignorais então que o que hoje entendeis por *eternidade* não é o que os antigos entendiam e designavam por esse termo? Consulte o teólogo as fontes e lá descobrirá, como todos vós, que o texto hebreu não atribuía esta significação ao vocábulo que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por *penas sem-fim, irremissíveis*. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto existir o mal entre os homens, os castigos subsistirão. Importa que os textos sagrados se interpretem no sentido relativo. A eternidade das penas é, pois, relativa e não absoluta. Chegue o dia em que todos os homens, pelo arrependimento, se revistam da túnica da inocência e desde esse dia deixará de haver gemidos e ranger de dentes. Limitada tendes, é certo, a vossa razão humana, porém, tal como a tendes, ela é uma dádiva de Deus e, com auxílio dessa razão, nenhum homem de boa-fé haverá que de outra forma compreenda a eternidade dos castigos. Pois quê! Fora necessário admitir-se por eterno o mal. Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno; do contrário, forçoso seria tirar-se-lhe o mais magnífico dos seus atributos: o soberano poder, porquanto não é soberanamente poderoso aquele que cria um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da Terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo.” PLATÃO. (Kardec, 2021b, p. 566 e 567).

A segunda é uma citação direta de Allan Kardec:

De acordo com a ideia restrita que se fazia outrora dos lugares das penas e das recompensas e, sobretudo, de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o firmamento formava uma abóbada e que havia uma região das estrelas, *o Céu era situado no alto e o Inferno embaixo*. Daí as expressões: subir ao Céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje, que a Ciência demonstrou ser a Terra apenas, entre tantos milhões de outros, um dos menores mundos, sem importância especial; que traçou a história da sua formação e lhe descreveu a constituição; que provou ser infinito o espaço, não haver alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o Céu acima das nuvens e o Inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe fora designado. Estava reservado ao Espiritismo dar de tudo isso a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a humanidade. Pode-se assim dizer que trazemos em nós mesmos o nosso Inferno e o nosso paraíso. O purgatório, achamo-lo na encarnação, nas vidas corporais ou físicas. (Kardec, 2021b, p. 577).

Cabe aqui uma explicação pormenorizada do processo metodológico que adotei para reflexionar a respeito das questões de O Livro dos Espíritos, bem como identificá-las a uma ou outra das seis grandes áreas filosóficas. Vou retomar meu entendimento de cada uma das seis grandes áreas filosóficas para este trabalho, porém com uma breve explicação de como identifiquei-os na obra.

A Epistemologia como o estudo – compreensão e reflexão – dos conhecimentos racionais envolvendo diferentes searas do conhecimento. A identificação dessa grande área filosófica se deu com os temas que indicaram um viés de estudo, uma abordagem teórica e/ou algum procedimento metodológico.

A Estética como o estudo, científico e filosófico, do belo. A identificação dessa grande área filosófica se deu em relação aos temas que poderiam suscitar o belo

enquanto condição de gerar em nós o espanto e a admiração – o *Thauma* filosófico (e que em nada tem a ver com a beleza ou sua ausência).

A Ética como o estudo reflexivo da moral, enquanto conduta humana mais adequada para o convívio social harmônico e justo. A identificação dessa grande área filosófica se deu com os temas que são pertinentes à conduta humana reta e baseada na moral de Jesus.

A Lógica como estudo da estruturação de um pensamento racional foi usada como identificação de temas que apresentam linhas de raciocínio pautadas na lógica dos argumentos válidos: premissas verdadeiras que justificam conclusões assertivas.

A Metafísica como o estudo da causa primeira de todos os fenômenos, da essência dos seres e da causa incausada, isto é, do princípio de tudo. A identificação dessa grande área filosófica se deu com os temas tidos, pelo senso comum, como sobrenaturais ou extracorpóreos, especialmente Deus, os Espíritos, os milagres e os fenômenos mediúnicos.

A Política como o estudo das relações humanas em sociedade, visando o bem comum e a justiça. A identificação dessa grande área filosófica foi em relação a temas que envolviam um princípio ético ‘aplicado’ ao outro: individualidade ou coletividade; mas nunca em relação à política enquanto contrato social, quer dizer, as relações entre o Estado e os cidadãos. Por isso, em muitos momentos tive a dificuldade em diferenciá-la da Ética, mas procurei fazer tal distinção quando: o tema era mais individual (a Ética) ou a temática era mais coletiva (a Política).

Por fim, reitero que em algumas questões a identificação foi mais fácil, óbvia até; isto é, percebi uma associação direta de uma única grande área da Filosofia com a temática abordada. Em outras questões, talvez a maior parte delas, me foi possível identificar mais de uma grande área filosófica e, nesses casos, elegi uma área de predominância e/ou importância (primeiro plano) e as demais foram identificadas em conjunto, sem ordem de importância entre elas (segundo plano).

A seguir, apresento o Quadro 12, com uma síntese da avaliação das 1.019 questões que compõem a totalidade de O Livro dos Espíritos (O.L.E.).

Quadro 12 – Síntese avaliativa das áreas filosóficas constitutivas da totalidade de O.L.E.

ÁREA FILOSÓFICA	IDENTIFICAÇÃO		
	PRIMEIRO PLANO	SEGUNDO PLANO	TOTAL
Epistemologia	536	324	860
Estética	17	125	142
Ética	148	207	355
Lógica	58	286	344
Metafísica	247	222	469
Política	12	62	74

Todo pentateuco kardequiano apresenta a tríade Ciência, Religião e Filosofia de modo indissociável, apesar de enfatizar um ou outro aspecto neste ou naquele livro. E, como o Livro dos Espíritos fora a obra primeira – e que desencadeou todas as demais – era de se esperar que o tripé sustentador do Espiritismo nela se desvelasse, como foi possível observar no ranqueamento final (Quadro 12): 1º. Epistemologia; 2º. Metafísica; e 3º. Ética – correspondentes à Ciência, Filosofia e Religião, respectivamente.

Após a análise das 1.019 questões que compõe as quatro partes de O Livro dos Espíritos, era de se esperar que a grande área filosófica Epistemologia sobressaísse às demais, afinal, a missão dada a Allan Kardec foi a de um cientista/pesquisador – que ele sempre fora<sup>2</sup>: observar, organizar dados, questionar, estabelecer comparações, colocar à prova dos pares e, com tudo isso, estabelecer o arcabouço teórico (doutrinário) da Ciência Espírita.

Destarte à obviedade apresentada no parágrafo anterior, este livro pode ser considerado, como já abordei anteriormente no presente trabalho, como a ênfase filosófica do Espiritismo. Com isso, podemos enfatizar as relações do livro com a grande área filosófica Metafísica (ranqueada, no Quadro 12, em segundo lugar), pois no presente trabalho a compreendo como o estudo da causa primeira de todos os fenômenos, da essência dos seres e da causa incausada, isto é, do princípio de tudo (Deus) – mote de O Livro dos Espíritos.

Ainda aludindo ao tripé de sustentação do Espiritismo, cabe observar que a grande área filosófica Ética, ranqueada em terceiro lugar geral de toda a obra, reforça o caráter da Moral Cristã – primeiro motor do Espiritismo – e que constitui, portanto, o aspecto religioso do Espiritismo. Também merece destaque a aparição na quarta colocação (Quadro 12) da grande área filosófica Lógica: o que reforça o caráter científico da Doutrina Espiritista, pois sem uma análise racional, sem o

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a vida e as obras de Allan Kardec, sobremaneira antes de seu conhecimento dos fenômenos espiritualistas – quando ele, Hyppolyte Léon Denizard Rivail, já era um insigne pedagogo, educador e pesquisador, consultar Wantuil e Thiesen (2019).

estabelecimento prévio de um método de pesquisa e sem corresponder aos critérios mínimos de se fazer ciência, não se pode chegar a conclusões (mesmo que prévias, dinâmicas) a respeito de algo e, tampouco, estabelecer uma nova seara epistêmica que se alastrou mundialmente em tempo recorde, como nenhuma outra<sup>3</sup>.

Assim, a doutrina ditada pelos Espíritos superiores e codificada por Allan Kardec nesse livro, pode ser considerada como a Filosofia Espírita. Segue uma citação que, ao meu ver, sintetiza a obra fundante – a pedra fundamental – do Espiritismo, O Livro dos Espíritos (Kardec, 2021b, p. 514 a 516):

**919.** *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?*

“Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”

**a)** *Concebemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirese de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuráveis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: ‘Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’.

Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e providente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, consequentemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes tanto do método científico adotado por Allan Kardec quanto da proliferação célere e em âmbito mundial do Espiritismo, consultar a coleção da Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos (do ano 1858 ao ano 1869), disponível em <https://www.febnet.org.br/porta1/2021/09/02/downloads-material-completo/>.

Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos *O livro dos espíritos*.” SANTO AGOSTINHO.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi apontar as relações, profundas e indeléveis, entre a Filosofia e o Espiritismo, a ponto de termos a real e necessária compreensão daquilo que Kardec (2021b, p. 18) designou por “[...] *Filosofia espiritualista*” e que venho propor, sinonimamente, como Filosofia Espírita.

A humanidade existe a pelo menos três milhões de anos, sendo a cerca de 20 mil anos com produções culturais variadas e intensas, de caráter intelectual e reflexiva. Os filósofos pré-socráticos datam de 2.700 anos, em média. E os demais 17.300 anos (173 séculos) anteriores ao mito da gênese grego-europeia da Filosofia? Naquele período houve o surgimento, o desenvolvimento e a expansão mundial da cultura humana: indústria, tecnologia, agricultura, pecuária, escrita, arquitetura, engenharia, matemática, medicina, ensino institucionalizado (incluindo universidades), organização militar, astronomia... E porque somente não houve Filosofia!? Assim, racionalmente e logicamente, parece óbvio que a Filosofia é de todos os tempos, pois a característica principal que configura a humanidade é a sua capacidade de refletir, analisar e pensar para progredir-se e melhorar-se. A espiritualidade superior, por meio da codificação de Allan Kardec, apresenta-nos a confirmação necessária:

628. *Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de toda gente?* “Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela pouco a pouco [...] Entretanto, para o estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião, que seja desprezível, pois em tudo há germens de grandes verdades [...]”. (Kardec, 2021b, p. 378).

O Espiritismo também é de todos os tempos, pois ele nada mais é que a troca, de informações e/ou experiências – por meio de energia/pensamento, entre espíritos encarnados e desencarnados. Pela perspectiva espiritista, se a pessoa humana é um espírito encarnado, então, desde sempre, os habitantes de nosso orbe são espíritos encarnados. Nesse sentido, porque a espiritualidade superior benfeitora só estabeleceu comunicação com os espíritos encarnados apenas seis séculos antes da encarnação de Jesus? Porque o silêncio e negligência com aqueles espíritos que habitaram nosso planeta desde quase dois milhões a cem mil anos atrás (com o advento do *Homo erectus*)? Assim, uma vez mais, racionalmente e logicamente,



parece óbvio que assim não ocorreu; muito pelo contrário. E Allan Kardec (na segunda citação abaixo) e a espiritualidade superior (na primeira e na terceira citações abaixo) nos reconfortam:

221.a) *Serão devidas a essa mesma lembrança certas crenças relativas à Doutrina Espírita, que se observam em todos os povos?* “Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; tal o motivo por que em toda parte a encontramos, o que constitui prova de que é verdadeira”. (Kardec, 2021b, p. 182).

222. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma Lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. (Kardec, 2021b, p. 183).

626. *Só por Jesus foram reveladas as Leis Divinas e Naturais? Antes do seu aparecimento, o conhecimento dessas leis só por intuição os homens tiveram?* “Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Desde os séculos mais longínquos, todos os que meditaram sobre a sabedoria hão podido compreendê-las e ensiná-las. [...] Por isso é que os preceitos que consagram foram, desde todos os tempos, proclamados pelos homens de bem; e também por isso é que elementos delas se encontram [...] na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie”. (Kardec, 2021b, p. 377).

Com o acima exposto a respeito da Filosofia e do Espiritismo me arrisco a ousar dizer de uma quase obviedade quanto à existência de uma Filosofia Espírita. O Espiritismo – não como uma religião dogmática (e dogmatizante), mas como uma doutrina de compreensão e reflexão (que pode ser baliza a todos os religiosos e espiritualistas) – apresenta-nos possibilidades de respostas, conceitos e análises, de maneira racional e lógica, com argumentos válidos pautados em premissas verossímeis, às grandes questões que intrigam a humanidade desde sempre e que sempre nortearam a Filosofia em todos os tempos.

Com isso, à guisa de conclusão, se faz necessário, no campo filosófico, entender, compreender, aceitar, acolher e integrar Jesus e Allan Kardec como filósofos, incluindo-os na lista de filósofos a serem estudados em cursos de graduação (Bacharelado e Licenciatura em Filosofia), bem como em cursos de extensão universitária e cursos livres – presenciais e virtuais. Além disso, inserir nas temáticas e/ou grandes áreas da Filosofia a seara da Filosofia Espírita.

Assim, pautado na representação que elegi para o presente estudo, as grandes áreas temáticas filosóficas passariam a contar um número de sete, a saber: Filosofia da Arte (Estética); Filosofia do Conhecimento (Epistemologia); Filosofia Espírita (Espiritismo); Filosofia da Moral (Ética); Filosofia do Pensamento/Pensar Racional (Lógica); Filosofia Política (Política); Filosofia do Ser ou Ontologia (Metafísica).

Ao pensamento filosófico da antiguidade, do século I da Era Cristã, período conhecido na historiografia da Filosofia por Filosofia Antiga, seriam incorporados os pensamentos, análises, reflexões, respostas e ensinamentos de Jesus: o Jesus

religioso<sup>1</sup>, o Jesus histórico (Borchert, 1990; Crossan, 1994; Schweitzer, 2003)<sup>2</sup> e, de modo especial, o Jesus modelo e guia da humanidade (Kardec, 2021b – questão 625; Emmanuel, 2022) – o psicoterapeuta divino (Ângelis, 2020d).

Ao pensamento filosófico contemporâneo, do século XIX da Era Cristã, período conhecido na historiografia da Filosofia por Filosofia Contemporânea, seriam incorporados os pensamentos, análises, reflexões, respostas e ensinamentos de Allan Kardec – e aqui, também por que não dizer, de um Kardec histórico? (Maior, 2013; Wantuil; Thiesen, 2019)<sup>3</sup>.

Finalizo esta obra com o desejo sincero de poder ter contribuído para que os estudiosos do Espiritismo, como os espíritas, passem a complementar seus estudos com autores, temas e métodos filosóficos, mas que, em especial, os filósofos – particularmente aqueles que são referências epistêmicas – se atentem ao Espiritismo e seus legítimos representantes, Jesus e Kardec, como campo e sujeitos de estudos da Filosofia (tanto para a formação acadêmica quanto livre).

<sup>1</sup> Em relação às três possibilidades de origem da palavra religião: 1. Compreensão e reconexão com Deus (*religare*); 2. Bendizer as provações e agradecer as oportunidades de fazer o bem (*religio*); 3. Revisitar as próprias posições e conceitos, pautando-se no autmelhoramento diário, além de buscar compreender melhor o ponto de vista do outro (*relegere*).

<sup>2</sup> Para além das três obras referenciadas, seguem outras possibilidades de aprofundar na vida, obra e missão da pessoa humana mais influente da história da humanidade terráquea: (i) Jesus histórico – verbete da *Wikipédia*, a enciclopédia livre ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus\\_hist%C3%B3rico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus_hist%C3%B3rico)); (ii) Jesus: para quem crê ou não crê – vídeo, em proposta de *live*, de lançamento do curso livre Jesus: uma história, apresentado pelo historiador Leandro Karnal (<https://www.youtube.com/watch?v=8KThI9a2vQ4>).

<sup>3</sup> Para além das duas obras referenciadas, seguem outras possibilidades de aprofundar na vida, obra e missão do egrégio educador, pedagogo, pesquisador, cientista e filósofo: (i) Allan Kardec – verbete da *Wikipédia*, a enciclopédia livre ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan\\_Kardec](https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_Kardec)); (ii) Kardec: a história por trás do nome – longa-metragem brasileiro, dirigido pelo diretor, produtor e roteirista Wagner de Assis (<https://www.youtube.com/watch?v=NNx18oNcxH8> e <https://www.netflix.com/br/title/80997400>).



## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2023.

AGUSTÍN, San. **La Ciudad de Dios**. s/d. Disponível em: <https://ia804606.us.archive.org/19/items/la-ciudad-de-dios/la-ciudad-de-dios.pdf>.

ANDRADE, Hernani Guimarães. **Espírito, Perispírito e Alma**. São Paulo: Pensamento, 2002.

ÂNGELIS, Joanna de. **Autodescobrimento: uma busca interior**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 6. Salvador: LEAL, 2021a.

ÂNGELIS, Joanna de. **Triunfo Pessoal**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 12. Salvador: LEAL, 2021b.

ÂNGELIS, Joanna de. **Vida Plena**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2021c.

ÂNGELIS, Joanna de. **Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 11. Salvador: LEAL, 2020d.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARISTÓTELES. **Metafísica** (livro I e livro II). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1991.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BORCHERT, Otto. **O Jesus Histórico**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. Disponível em: [https://www.academia.edu/11616819/O\\_Jesus\\_Hist%C3%B3rico\\_Otto\\_Borchert](https://www.academia.edu/11616819/O_Jesus_Hist%C3%B3rico_Otto_Borchert).

BRUNO, Giordano. **Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos**. São Paulo: Madras, 2007.

BRUNO, Giordano. **Castiçal**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

CARNEIRO, Celeste; FRANCO, Divaldo Pereira. **A Veneranda Joanna de Ângelis**. Salvador: LEAL, 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1983a.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1983b.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EMMANUEL. **Justiça Divina**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 1974.

EMMANUEL. **Caminho, verdade e vida**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Coleção Fonte Viva, volume 1. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 2022.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FILHO, Juvenal Savian. O Epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência. **Bioethikos**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 10-17, 2009. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/wzukusers/user-34825710/documents/5cca445ba14eafLf9vi/Epicuro%20por%20Juvenal%20Savian%20Filho.pdf>.

FLECK, Augusto (Ed.). **Heráclito – fragmentos comentados**. Novo Hamburgo: Logos, 2025.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. Obras Completas, volume 9/2. Do original em alemão: *AION – Beiträge zur Symbolik des Selbst* [1976] Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. Obras Completas, volume 5. Do original em alemão: *Symbole der Wandlung: Analyse des Vorspiels zu einer Schizophrenie* [1973]. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas, volume 9/1. Do original em alemão: *Die Archetypen und das Kollektive Unbewusste* [1976]. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Obras Completas, volume 7/2. Do original em alemão: *Zwei Schriften über Analytische Psychologie* [1971]. Petrópolis: Vozes, 2015.

KARDEC, Allan. **A Gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. 1ª edição. Do original em francês: *La Genèse. Les Miracles et Les Prédications Selon le Spiritisme* [1868]. Rio de Janeiro: CELD, 2007a.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 80ª edição. Do original em francês: *Le Livre des Médiuns* [1861]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira – FEB, 2007b.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno – ou a justiça divina segundo o Espiritismo**. 1ª edição. Do original em francês: *Le Ciel et L'enfer ou La Justice Divine Selon le Spiritisme* [1865]. Rio de Janeiro: Léon Denis Gráfica e Editora, 2008.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Do original em francês: *L'évangile Selon le Spiritisme* [1864]. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 2021a.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Do original em francês: *Le Livre des Esprits* [1857]. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 2021b.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LÓPEZ-MUÑOZ, Francisco; MARÍN, Fernando; ÁLAMO, Cecilio. El devenir histórico de la glándula pineal: I. De válvula espiritual a sede del alma. **Revista de Neurología**, Barcelona, v. 50, n. 1, p. 50-57, 2010.

LUCCHETTI, Giancarlo; DAHER Jr, Jorge Cecílio; IANDOLI Jr, Decio; GONÇALVES, Juliane Pias-seschi de Bernardin; LUCCHETTI, Alessandra Lamas Granero. Historical and cultural aspects of the pineal gland: comparison between the theories provided by Spiritism in the 1940s and the current scientific evidence. **Neuroendocrinology Letters**, v. 34, n. 8, p. 745-755, 2013.

MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: a biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/ns8cne5v>.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; SANTOS, Franklin Santana (Eds.). **Exploring Frontiers of the Mind-Brain Relationship**. New York: Springer, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; MOSQUEIRO, Bruno Paz; BHUGRA, Dinesh. **Spirituality and Mental Health Across Cultures**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; COSTA, Mariana de Abreu; COELHO, Humberto Schubert. **Science of Life After Death**. New York: Springer Nature, 2022.

NEWTON, Isaac, Sir. **Principia: princípios matemáticos de Filosofia Natural – Livros II e III**. São Paulo: EDUSP, 2012.

NEWTON, Isaac, Sir. **Principia: princípios matemáticos de Filosofia Natural – Livro I**. São Paulo: EDUSP, 2016.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1984.

PEREIRA, Thiago Rodrigues. **Curso Filosofia Essencial – Introdução à História da Filosofia**. Novo Liceu. 2022. Disponível em: <https://programafilosofiaessenc-rjqlqx.club.hotmart.com/login>. Acesso em: 01 jan. a 01 jun. 2022.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

*ROSARIUM PHILOSOPHORUM (Grădina Filosofilor)*. Ed.: Aurelian Scrima. Trad.: Ramona Ardelean. *București: Editura Herald*, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/392226518/Rosarium-Philosophorum-pdf>.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 2002. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>.

SANTOS, José Trindade. **Da natureza Parmênides**. Brasília: Thesaurus, 2000.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus Histórico - um estudo crítico de seu progresso**. São Paulo: Novo Século, 2003. Disponível em: [https://www.academia.edu/34521410/Albert\\_Schweitzer\\_A\\_Busca\\_do\\_Jesus\\_Historico](https://www.academia.edu/34521410/Albert_Schweitzer_A_Busca_do_Jesus_Historico).

SILVA, Anderson Pinho da. **Curso História da Filosofia**. Filosofia Total. 2020a. Disponível em: <https://historiadafilosofiaft.club.hotmart.com/login>. Acesso em: 01 jan. a 01 jun. 2022.

SILVA, Anderson Pinho da. **Filosofia Antiga**. São Bernardo do Campo/SP. 2020b (Apostila do Curso História da Filosofia).

SILVA, Anderson Pinho da. **Filosofia Contemporânea – Século XIX**. São Bernardo do Campo/SP. 2020c (Apostila do Curso História da Filosofia).

SILVA, Anderson Pinho da. **Filosofia Medieval**. São Bernardo do Campo/SP. 2020d (Apostila do Curso História da Filosofia).

SILVA, Anderson Pinho da. **Filosofia Moderna**. São Bernardo do Campo/SP. 2020e (Apostila do Curso História da Filosofia).

SPINOZA, Benedictus de (Baruch). **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VOLTAIRE. **Tratado de Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1973.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Brasília; Federação Espírita Brasileira – FEB, 2019.

ZIMMERMANN, Zalmirino. **Perispírito**. Campinas/SP: Editora Allan Kardec, 2017.

## SOBRE O AUTOR

**LEANDRO RIBEIRO PALHARES:** Sou um Espírito em busca do autodescobrimento.

Pessoalmente, sou um estudioso do Espiritismo, da Psicologia Analítica (de Carl Gustav Jung) e da Psicologia Espírita (de Joanna de Ângelis).

Academicamente, sou Licenciado em Educação Física (1999) com Especialização (2001), Mestrado (2005) e Doutorado (2017), todos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E Bacharel em Filosofia (2024), pela Claretiano - Centro Universitário.

Profissionalmente, sou Professor Associado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Diamantina/MG).





# FILOSOFIA ESPÍRITA



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# FILOSOFIA ESPÍRITA



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)